ARA·ODOS...

ANNO XIII — NUM. 641
Rio de Janeiro, 28 de Março de 1931
PREÇO: 1$000

As tintas para cabellos e alguns conselhos por A. DORET

Raras são as tintas para cabellos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inoffensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabello a côr de vinho tinto, bastante desagradavel aos olhos; esta é preta demais, resecca o cabello, alisa o que é ondeado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá á physionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta annos de experiencia, de estudos, de applicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabelleireiro, em qualquer paiz que fosse, quer na Europa ou na America, attingiu o grão de perfeição ao da casa Doret; tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que attestariam a superioridade de meus methodos de tingir os cabellos, garantindo a innocuidade absoluta de meus productos. A's pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, ás pessoas longe do Rio de Janeiro, recommendo nunca tingirem os cabellos de preto; é melhor acastanhal-os que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais facil será, mais hygienico.

Recommendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabello, este producto é dez vezes menos forte que a agua oxygenada, não queima os cabellos e é um excellente desinfectante.

Para recoloração do cabello branco empregae o meu Henné, pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de applicação, para o bronzeado ½ hora, para acajou escuro, uma hora **e meia.**

As pessoas que querem escurecer os cabellos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhs é uma garantia de bom exito.

A Casa A. Doret recommenda suas manicures, seus productos incomparaveis para a belleza da pelle e cabellos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabelleireiros da casa Doret são **verdadeiros artistas.**

Ondulação permanente, Marcel, Misemplis, Soins de Beaute.

A. DORET cabelleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

Nos casos de rheumatismo e nos de syphilis!

"Attesto *sub fide grados mei,* que o "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira é, dentre os seus congeneres, o que mais me tem satisfeito, principalmente nos casos de rheumatismo e nos de syphilis, nas suas differentes modalidades. E' pois, com prazer que affirmo tel-o empregado sempre com os melhores resultados em doentes de minha clinica, desde 1888, quando comecei a exercel-a.

Bahia, 23 de Novembro de 1925.

DR. MANOEL LUIZ VIEIRA LIMA".

Medico pela Faculdade de Medicina da Bahia, Assistente e Livre Docente da mesma Faculdade, ex-Medico da Assistencia Publica, Adjunto do Hospital Santa Izabel, etc.

Syphilis?

ELIXIR DE NOGUEIRA

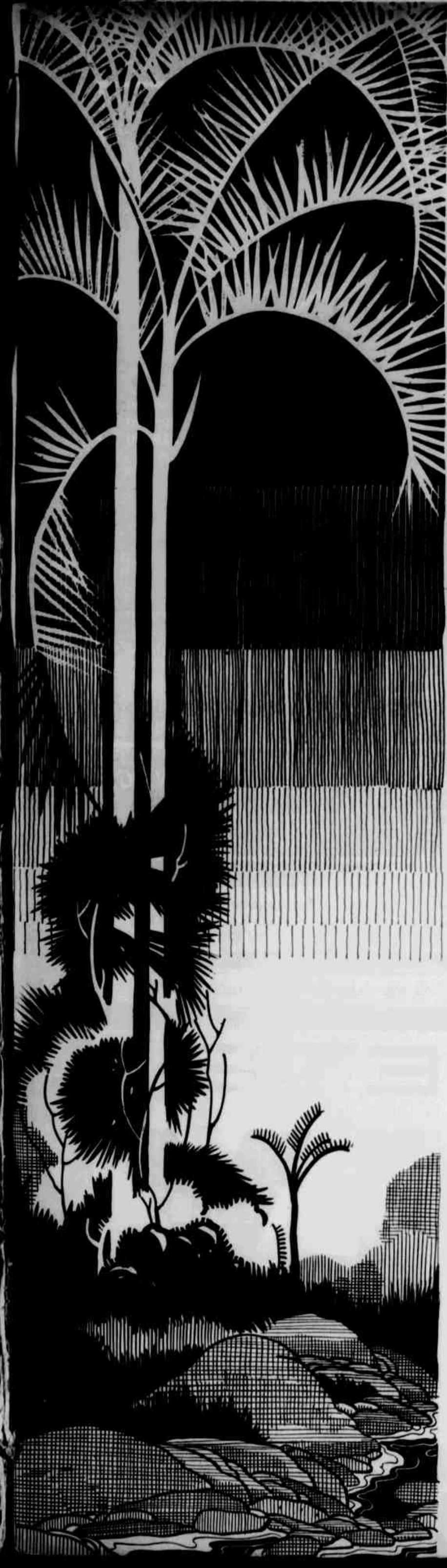
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"

O Album da Revolução

A poderosa Empresa "Album do Progresso Brasileiro Ltda.", constituida nesta Capital, de elementos do nosso alto commercio e illustres intellectuaes, lançará brevemente o "Album do Progresso do Rio de Janeiro", que é verdadeiramente o Album da Revolução. Vae ser a obra de publicidade mais bella e rica que já se fez no Brasil. 500 paginas deslumbrantes. Heróes da Revolução, urbanismo, belleza feminina, commercio, industria, sports, turismo, magistratura, etc... Emfim, minuciosamente, todo o progresso e grandeza do Rio de Janeiro, da Segunda Republica! Séde Central: rua 1º de Março, 85, 4º Atelier photographico, rua São José, 106, 3º, Photo Febus.

NA BAHIA — Mme Juarez Tavora cercada de Senhoras bahianas no dia do seu embarque para Recife.

Peça ao papae — ALMANACH D'O TICO-TICO para 1931.

Leiam CINEARTE, a melhor revista que se publica no genero, em todo o Brasil.

PARA TODOS...

UMA PAGINA DE GRAÇA ARANHA

Estamos na dourada habitação da luz. Do alto céo todo o vasto continente brasileiro apparecerá como um diamante a scintillar nas sombras do Infinito... A terra é perpetuamente vestida de luz. A sua refulgencia abre no silencio dos espaços uma claridade inextinguivel, fulva, ardente, branda ou pallida. Tudo é sempre luz. Descem do sol as luminosas vagas offuscantes, que mantêm na terra a quietação profunda. A luz tudo invade, tudo absorve. Chapeia nos cimos das montanhas, derrama-se pelos valles, penetra nos desvãos das arvores, e a matta rutila como uma esmeralda; espia pelas fendas da terra, e um sol se abre nas grutas sepulchraes. A vida não adormece ao implacavel clarão; vibra, fulgura o ar incandescido, a terra se volatilisa numa pulverisação da luz. Desmaiam as cores do mundo e tudo se torna da cor da luz. E quando a noite repentina e doce surge, estrella-se subitamente o céo, pontas de ouro dardejam sobre a terra e vêm tremeluzir na macabra espuma dos mares, nas nuas cascatas argenteas, nos rios phosphorescentes. A luz vaga sobre a terra. Loucos, juvenis, noctambulos espiritos das florestas, os pyrilampos executam a dansa da luz...

Outras vezes, a luz é o luar.

Gelida lividez transfigura o mundo. A terra é o espectro da lua, as cores fogem, tudo empallidece numa brancura de cal. Agonisa allucinada a livida lua. E morrendo desce ao fundo dos abysmos e se transforma numa gloria de ouro: diamantes, topazios, rubis, mysteriosas estrellas a refulgir no desterro immemorial das entranhas da terra do Brasil...

Dentro dessa luz a Natureza ostenta os prodigios da sua creação. E' uma maravilha de grandeza e força. Como um rio que descesse do infinito, o Amazonas, amplo e magestoso, atravessa aquelle mundo e com mil braços enlaça a terra humida, resplandecente. Pela sua força indomavel tudo vence, tudo arrasta, tudo submerge, florestas e campos. Afoga-se nas suas proprias aguas e um immenso e tranquillo mar apparece. Renasce e continúa impavido o seu curso sem fim. Fugindo a essa loucura das aguas, a Natureza refugia-se nas altas terras descampadas nos sertões, onde, inquieto, vaga na torrida solidão o gado silencioso, ou nos vastos pampas vaporosos, onde a terra melancolica se vae unir aos seus céos longinquos. Por um momento a Natureza é triste, mas não tarda a desforra da alegria, que lhe vem no delirio da vegetação. E' a floresta tropical na sua magnificencia e na sua desordem, a floresta creadora da vida eterna, onde arvores sobem das profundezas da terra e se enlaçam como irmãs; onde tudo se transforma, os passaros coloridos são como flores aladas, os ventos como passaros que cantam... Tudo é magia no silencio verde. Curupiras surgem como fogos que dansam e toda a matta estremece.

Mas, num canto da floresta, á margem do regato, á hora rubra do sol poente, a Yara, a mãe d'agua, penteia os seus cabellos ouro e verde. A luz acaricia-lhe os olhos crystallinos e toda a matta sorri...

Tal é a maravilha da Natureza em que se perde o homem brasileiro.

A vida de

Coroação do Principe de Galles em 1911.
(*Desenho de Matama*)

SEUS PRIMEIROS DIAS

O Principe de Galles nasceu no dia 23 de Junho de 1894 em White Lodge (Richmond) durante o reinado da Rainha Victoria, sendo seus paes os então Duques de York.

Passam-se agora vinte e sete annos e todos os que conhecemos o Principe de Galles pensamos que, se houvesse nascido com as idéas democraticas que hoje sustenta, as cerimonias de seu baptismo deveriam ter sido bastante differentes do que foram. Assim, por exemplo, não deveria ter levado sete nomes, a saber: Eduardo, do seu avô; Alberto e Christiano, dos seus bisavôs; e Jorge, André, Patricio e David, nomes dos Santos Patronos da Inglaterra, Escocia, Irlanda e Paiz de Galles. A quantidade de nomes, porém, deveria ser secundario ante a cerimonia do baptismo, que certamente haveriam desagradado ao Principe se nessa epoca já pudesse raciocinar.

A cerimonia passou-se assim:

O joven infante foi envolto no véo nupcial da Rainha. A agua benta foi trazida expressamente do Rio Jordão, usando-se para isso o mesmo recipiente de ouro que havia servido annos antes para o baptismo do Rei Eduardo VII. O local do baptismo, profusamente adornado com as armas reaes, o emblema dos Duques de York e da cidade de Edinburgo, estava rodeado de rosas de York. Tudo isto, unido á solemne cerimonia officiada pelo arcebispo de Canterbury. Entretanto, convenhamos, esta cerimonia é imprescindivel, imposta pelas tres gerações reaes.

Quatro gerações: a Rainha Victoria, Eduardo VII, Jorge V e o actual Principe de Galles.

A educação do Principe, igual á de seus antecessores, foi ainda mais severa e fortemente influenciada pela tradição. Como todos os meninos dessa idade, os primeiros annos de sua vida passou-os na tarefa diaria de aprender a caminhar e a falar, até que finalmente chegou a época de brinquedos, que S. A. passou quasi toda em companhia do pequeno Principe Jorge, duque de York, muito mais moço que elle.

O Principe com o seu irmão menor.

A FORÇA DA TRADIÇÃO

A tradição educacional começou muito cedo para o Principe de Galles, a quem chamaremos d'ora avante David, que aos cinco annos, emquanto os seus paes, ainda Duques de York, faziam uma viagem pelo Imperio, foi confiado, assim como o seu irmãozinho Alberto, aos cuidados de Mme Bricka, — collega de escola da Rainha Maria, — que lhe ensinou as primeiras noções de calligraphia e arithmetica. No regresso, nomeou-se tutor do joven David o professor Mr. H. P. Hansell, que desempenhou este cargo até Agosto de 1914.

A instrucção que o Principe recebeu do seu tutor, conjuntamente com o seu irmão Alberto, tinha o fim especial de habilitar ambos para o Collegio Naval, separadamente e como simples cadetes, especialisando-se, entretanto, no estudo do francez e allemão.

O tutor francez do Principe, foi Mr. M. G. Hua, que foi durante dezoito annos professor de francez no collegio de Etón, e que ensinou esse idioma ao actual Rei e ao Duque de Clarence, mas cuja morte, em 1909, impediu terminasse seus ensinos, recomeçados pela Sta. J. Dussan que foi, por sua vez, professora da Princeza Maria. Como professor de canto para David, Alberto e Maria se designou o mestre Cecil J. Sharp, conhecido em Londres pelas suas canções populares.

Além disso, designou-se para David, desde a idade de cinco annos um ajudante de quarto, nomeando-se para esse posto Mr. Frederick Finch, que foi o mesmo que o acompanhou durante a Grande Guerra na França.

Para David e tambem, ainda que em menor grau para o seu irmão Alberto, o objectivo da esmerada educação que se lhes deu, não foi certamente comprehendido senão transcorridos alguns annos, e, estamos certos de que, ambos, terão invejado mais de uma vez aos filhos do mais humilde de seus subditos, pela liberdade de brincar, que a elles, como principes, estava prohibido. Hoje, porém, qualquer pessôa que tenha tido occasião de conviver com esses dois principes, convirá comnosco que nas pessoas destes dois filhos do rei de um dos mais importantes paizes do mundo inteiro, se unem a simplicidade de costumes do livre cidadão, com a intelligencia, a clarividencia e a

A Rainha Victoria com o seu bisneto.

elegancia que caracterisa toda a pessoa chamada a desempenhar um papel brilhante no Universo.

O LADO ESPORTIVO DA EDUCAÇÃC DO PRINCIPE

Sem entrarmos aqui na descripção dos detalhes da carreira esportiva do Principe, cita-

Castello de Balmoral

Os principes reaes da Inglaterra em 1911: Alberto, Henrique, Eduardo, João, Mary e Jorge.

S. A. R. com o Rei Eduardo VII, o seu pae, e actual Rei Jorge V que era então o Principe de Galles.

S. A. R. o Principe de Galles,

DESDE O SEU NASCIMENTO ATE' O ANNO DE 1912

remos, entretanto, alguns casos que no campo das actividades do herdeiro da corôa britannica merecem ser citados, como exemplo do caracter do augusto personagem. Antes de tudo devemos assignalar as difficuldades com que a todo o momento esbarraram os encarregados de cuidar do Principe durante as suas actividades athleticas, porque sempre protestou a que o considerassem superior, mas sim igual a todos.

Baseado por esta idéa, expoz-se o joven David aos mesmos accidentes que poderiam occorrer aos seus companheiros de jogos, e mais de uma vez inquietou seriamente aos seus guardas durante as renhidas partidas de *football* em que tomava parte como componente de uma *équipe* local de Sandringham, em companhia do seu irmão Alberto. No *cricket* actuou tambem como simples jogador em partidas que se organisavam no Home Park, Windsor. Só no dia em que completava onze annos, poude capitanear uma *équipe* contra outra dirigida pelo Duque de York. Mas isso aconteceu unicamente tendo em conta a data em que se realisava a partida, tanto que, depois, voltou ao seu posto de simples jogador.

Desde a mais tenra idade os dois irmãos se dedicaram juntos á natação, cyclismo, remo e pesca, ainda que sempre sob vigilancia de pessoas encarregadas de cuidar, que não se expuzessem a fadigas excessivas, que naquella epoca de crescimento poderia ser-lhes fatal.

David montou pela primeira vez a cavallo aos cinco annos de idade, porém não pode affirmar-se que se haja dedicado a equitação antes de ser confiado ao major Hon. William Cadogan, no seu ingresso na Universidade de Oxford, quando já contava dezoito annos de idade. Nesse Collegio, o Principe foi, a qualquer momento, um fiel companheiro dos seus condiscipulos e até certo ponto amigo da alegria estudantil, contagiado, possivelmente, pelo exemplo dos seus companheiros.

Em 1908, á porta do Queen's Club, S. A. R. cumprimenta Lord Alverstone

A Rainha Mary com o Principe de Galles e o Duque de York

OSBORNE E DARTMOUTH

Em 1907 David prestou exames de ingresso na Escola Naval e ingressou no Osborne College, do qual eram directores os capitães E. Alexander-Sinclair, e A. H. Christian.

Seus preparativos e sua dedicação aos estudos fizeram logo de David um dos melhores alumnos da escola, servindo desta maneira de exemplo aos seus companheiros, encorajados por aquelle rapazinho que, comquanto de sangue real, estudara tão afincadamente. Dois annos após haver ingressado no Osborne College, o joven herdeiro da corôa, assim como outros condiscipulos, abandona condiscipulos, abandonava essa escola para inscrever-se na de Dartmouth. com o fim de aperfeiçoar-se. Foi neste instituto que o joven Principe começou a praticar seriamente os esportes, sobresahindo logo nas corridas de resistencia, denominadas "Cross-Country". Podemos dizer que nas duas escolas acima mencionadas aprendeu David, antes de tudo, a noção do dever e de disciplina, qualidades tão necessarias para uma pessoa de sua categoria.

Nesse tempo, em 1910, seu pae havia subido ao

Princeza Victoria, Principe de Galles, Principe Alberto

Throno da Inglaterra, e em 1911, quando David completava sómente dezeseis annos, viu-se coroado com o titulo de Principe de Galles, e desde então teve que fazer frente ao

dever que correspondia ao herdeiro do maior throno do mundo. Para elle o "D" do seu nome significava "Dever" escripto com a inicial maiuscula. E na verdade, tem demonstrado a sinceridade dos seus sentimentos em uma forma tal, que poucos de nós nos consideramos com possibilidades longinquas, sequer, de nos podermos comparar com S. A. R.

DEPOIS DOS DESESEIS ANNOS

A partir dos deseseis annos, os acontecimentos importantes na vida do Principe succediam-se ininterruptamente. No dia seguinte ao completar essa idade recebeu a confirmação das mãos do arcebispo de Canterbury, na capella privada de Windsor Castle, não havendo por tal motivo nenhuma cerimonia solemne, assistindo-a tão sómente nove membros da familia real, alguns amigos intimos, o Rev. H. Dixon-Wright (capellão naval de Dartmouth) o capellão de Windsor e o conego Dalton. Dixon-Wright, que havia preparado o candidato real para os preparatorios, morreu depois, na Batalha de Jutlandia. O conego Dalton, que tinha naquella epoca uns 80 annos foi convidado especialmente para presenciar a cerimonia por ter sido o tutor do actual rei e do seu irmão Duque de Clarence, acompanhando-os, ainda, numa viagem, a bordo do "Bacchante".

Em 1910 com a Rainha Mary e Principe Alberto

Em 1926

S. A. R. vestido de Principe de Galles

Finalmente, a presença da rainha-mãe, Alexandrina, que assistia nessa occasião á primeira cerimonia official após a morte de Eduardo, contribuiu para dar maior solemnidade á singela festa. O Principe era então, apenas, Principe de nome, pois a cerimonia da entrega do principado teve logar sómente um anno depois. Sua presença ás cerimonias publicas até então havia sido escassa, mas em 1911 disse definitivamente adeus a Dartmouth e entrou de cheio na vida diplomatica.

Em 1920

A ORDEM DA LIGA

A primeira ordem que se conferiu ao Principe foi a da Liga, de accordo com o estipulado pela tradição dos reis da Grã-Bretanha de quinhentos annos para cá. A cerimonia teve tambem logar em Windsor Castle, e nella o rei teve que pôr pessoalmente a insigna na perna do seu filho, ao mesmo tempo que lhe dirigia as já tradicionaes palavras, impondo-lhe, assim, uma obrigação que não devia ser esquecida pelo joven principe durante toda a sua vida: "Tem valor e vae occupar em qualquer logar teu posto de defensor da honra e da justiça". A singela formula, em uso durante cinco seculos, tem um significado muito maior do que o expressam suas palavras.

EM CARNARVON CASTLE

E' indiscutivel que se tenha gasto muita palavra bonita por occasião da coroação official do infante como Principe de Galles e Duque de Chester, mas nenhuma dellas foi tão bella como estas que pronunciou o Principe, ajoelhado ante seu pae durante a cerimonia, que teve logar em um esplendido dia de verão nos formosos jardins de "Carnarvon Castle": "Eu, Eduardo, Principe de Galles, declaro ser vosso servidor em corpo e alma, e me comprometto a velar pela nossa segurança, ainda que seja contra todos os homens da Terra".

Não foi a multidão de espectadores, nem o manto de ouro e arminho que luzia no Principe, nem a corôa, nem o annel, nem a espada, nem o sceptro de ouro, que levava, que fizeram tão impressionante essa solemnidade, em que resaltara o classico esplendor dos Tudor: foi o espectaculo de um joven de dezesete annos, alto, delgado e louro, a quem sua condição de Principe obrigava a carregar com uma responsabilidade enorme, ajoelhado deante de seu real progenitor, pronunciando o juramento de uma fidelidade vitalicia, em proveito de centenas de milhões de homens, mulheres e crianças, a qualquer momento e em qualquer logar da Terra.

Em 1906

Para todo o paiz, a coroação do Principe foi um acontecimento inesquecivel.

Em 1912

UMA CURTA VIAGEM DE ESTUDOS

Se o Principe houvesse sido um homem livre, possivelmente se haveria dedicado á marinha. Houve uma epoca em sua vida, pouco antes de ingressar na Universidade de Oxford, em que a idéa de sua restricta liberdade de Principe fel-o suspirar por mais de uma vez. A unica vez em que o joven herdeiro da corôa britannica poude gosar um pouco das attracções do mar, foi quando emprehendeu sua curta viagem a bordo do cruzador "Hindostão", com o fito de familiarisar-se com a vida maritima.

Fez-se a viagem com rumo ao Mar do Norte, sendo commandante do cruzador o capitão H. H. Campbell, e comquanto o Principe não tivesse podido apreciar a vida maritima tal como desejasse, ou melhor, viver entre simples marinheiros, tratou pelo menos de aprender o mais que poude, e com

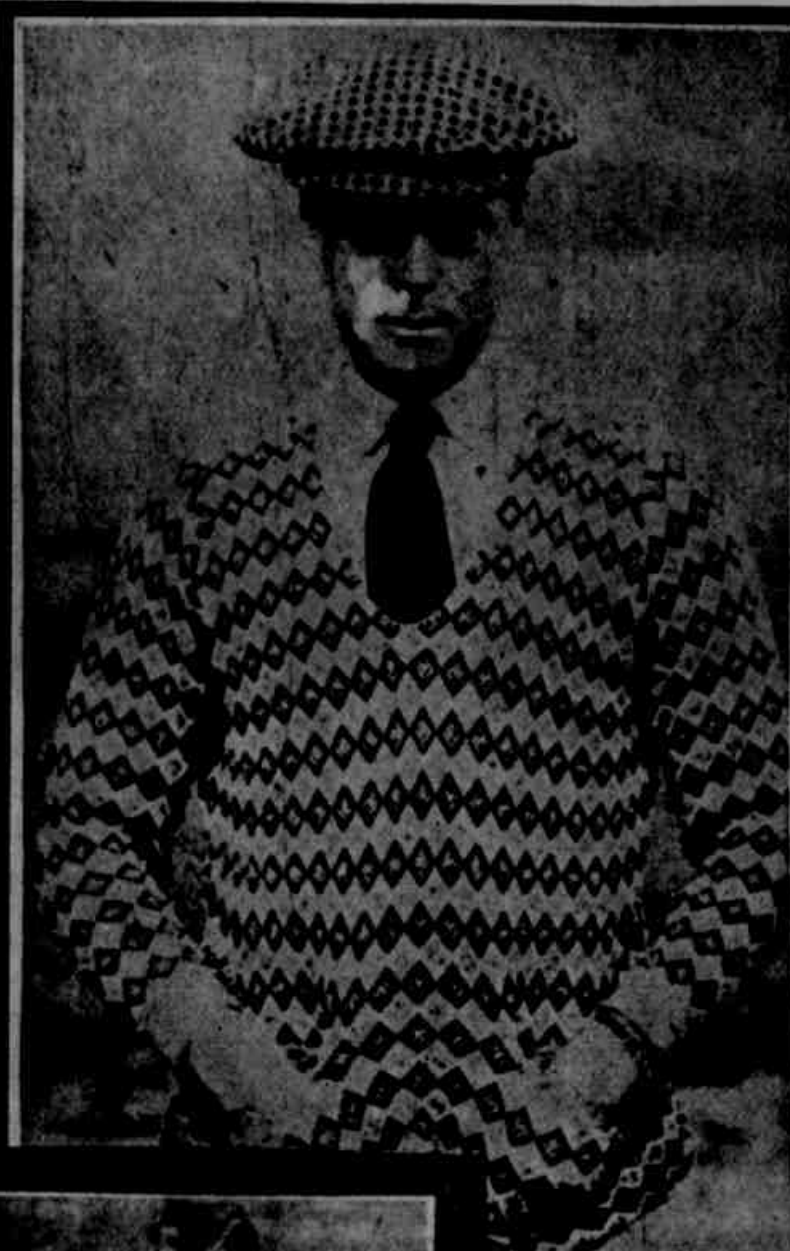
(Termina no proximo numero).

Hospedes bem vindos

O Principe de Galles, herdeiro do throno da Inglaterra

O Principe George

O Principe Esportivo

Chegando ao campo de golf

Quando viaja no seu hiate

Descansando de uma partida matinal de golf

Em direcção ao seu cavallo. O Principe monta bem. A's vezes cáe. Cáe por amabilidade com os outros cavalleiros que tambem cáem. E' para não dar na vista.

As roupas de Sua Alteza

O principe no dia em que entrou para a Universidade de Oxford. Ahi está elle vestido de estudante e acompanhado pelo seu tutor privado.

A ESTADIA DO PRINCIPE DE GALLES NA UNIVERSIDADE DE OXFORD

Nenhuma pessôa que haja tido a opportunidade de conhecer a vida do Principe de Galles em Oxford, estranhará que o nosso futuro rei tenha conseguido fazer-se querer tão rapidamente pelos habitantes dos cinco continentes.

Chegou a Oxford sem pompa nem ceremonias e sahiu da Universidade do mesmo modo, levando porém comsigo o affecto e a admiração de todos seus companheiros. Jamais usou os luxuosos uniformes que tanto foram apreciados quando usados pelo seu avô, toda vez que os vestia, como estudante e principe herdeiro, a qualquer ceremonia. Nunca teve uma residencia principesca fóra da Universidade, mas simplesmente um pequeno e elegante apartamento no "Magdalen".

Foi geral o assombro do povo inglez ao saber que o principe havia escolhido para sua instrução a escola de "Magdalen", e não o aristocratico collegio de "Christ Chusch", que fôra o escolhido pelo seu avô, o Rei Eduardo.

Interrogado, um dos conselheiros da corôa, para saber sua opinião sobre a escolha do principe, disse:

— Nestes tempos democraticos é, aliás, mais conveniente para o joven principe estar no collegio de "Magdalen", onde poderá ter contacto com rapazes de todas as cathegorias sociaes, do que no "Christ Church", onde só poderia encontrar as pessoas com quem terá de passar brevemente o resto de sua vida...

Quando o principe chegou a Oxford, ia acompanhado pelo seu tutor, mister Hansell, mas bem ligeiro sacudiu o jugo da tutelagem e começou sua nova vida de um modo mais livre. Seus condiscipulos não lhe fizeram nenhuma manifestação, para evitar que depois lhe fosse difficil hombrear-se a elles; e, ao ver os seus companheiros tão indifferentes junto a sua pessoa, acreditou, talvez, que não era respeito, mas ignorancia da sua real origem o que assim os fazia.

Em compensação, os habitantes de Oxford não eram da mesma opinião e estavam decididos a demonstrar sua admiração ao futuro soberano. Com este fim se juntaram uma vez em frente á Universidade, á hora em que o Principe de Galles tinha que dirigir-se para uma conferencia socialista em Balliol Hall, e, ao vêl-o, formaram uma fila compacta e o escoltaram até a sala mencionada. E foi nestas circunstancias que os seus companheiros tiveram a boa idéa de atirar um balde d'agua em cima do Principe e seus admiradores, com o fim de preserval-o contra futuras demonstrações, que, sabiam, não eram de seu agrado.

Aunica derrota de sua alteza: durante um combate fingido com os companheiros foi feito prisioneiro. — (Phto Hugelmann).

E de facto, no anno seguinte, o Principe podia passear livremente pelas ruas, com tanta liberdade como nunca a havia tido antes, nem voltaria a ter.

Assim mesmo, teve que fazer suas visitas de ceremonia ás instituições de Oxford e aos aristocraticos clubs sociaes e se conformar a que o fizessem socio de varios delles. Mas, aproveitando, as opportunidades, visitou as organizações democraticas da localidade e assistiu a varias conferencias.

Apenas chegou o verão, deram para vir a Oxford numerosas turistas com o fim de conseguirem falar com o Principe.

A proposito, lembro-me que um dia chegou um norte-americano a "Magdalen" e, com o intuito de ver de perto ao futuro Rei da Grã-Bretanha, dirigiu-se a um estudante que passava casualmente por ali, com estas palavras:

— Diga-me, moço: é verdade que mora por aqui o Principe de Galles?

O interpelado respondeu no dialecto de Oxford:

— Como não!... Terceira escada á direita.

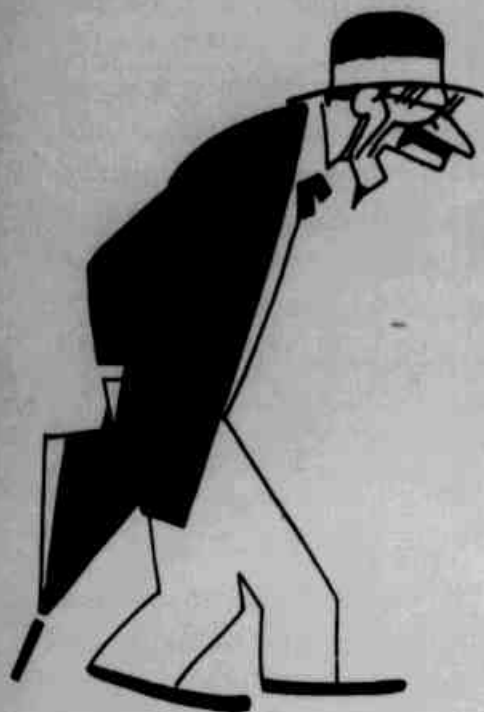
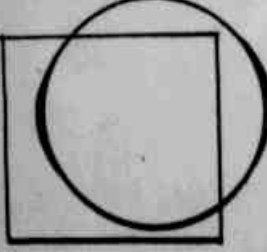
O yankee não comprehendeu a linguagem do estudante.

— Diga-me, joven — insistiu — dou-lhe um dollar de gorjeta se me indicar o caminho

O estudante deixou escapar um sorriso de satisfação e acceitou a offerta. Com a segurança de um guia de profissão, o universitario que não era outro que o proprio Principe em pessoa, indicou ao curioso turista o edificio da "Magdalen" com estas palavras "A residencia real". E assignalando um dos veados passeando tranquillamente no parque, disse: "Importado especialmente dos Pyrenneos para que o Principe possa caçar"

Depois destas laconicas palavras, pôz o dollar no bolso e se distanciou rapidamente.

Durante sua estadia em "Magdalen" o Principe gostava immensamente de tocar o violino e dedicou-se, ao mesmo tempo, a toda classe de esportes com verdadeiro enthusiasmo juvenil da sua vida. Remou nas classicas regatas de Oxford, jogou o rugby com os outros e praticou o automobilismo, o golf e o polo. Em Oxford tinha seis "ponies" de polo, e jogou a principio no "Polo Club de Post Meadon", e depois no "Oxford Polo Club". Tambem gostava da caça, onde costumava ir acompanhado pelo seu

(Termina no fim do numero).

O marido da Guilhermina

O DONO da *Relampago* era tido em todo o quarteirão como o marido mais feliz do mundo. E parece que era mesmo. Pelo menos vivia para o lar. Abdicára-se todo em beneficio da esposa. E esta absorveu-o a tal ponto, que acabou absorvendo-lhe o proprio nome. O pobre já não tinha mais nem nome nem personalidade. Era o "marido da Guilhermina" para todos os effeitos. Elle nem por isso parecia sentir-se mal com aquella situação, considerando-se que só lhe sabiam dois trajectos na vida — o da casa para a Engraxataria, e o da Engraxataria para a casa.

E que pontualidade! Elle a levava tão a sério, que a mulher d opharmaceutico da esquina havia annos que vinha acertando o relogio pelas suas entradas e sahidas, como, tambem, servindo-se dessa pontualidade para se engalfinhar com o patusco do consorte, cidadão da pá virada *doublé* de santarrão. (Agradavel, mansão deveria ser aquella, para um homem ter tanto praser em lá estar sempre ás mesmas horas!)

Esse o motivo por que o pharmaceutico dizia aos amigos, vendo-o passar, lento, olhos no chão, mãos ás costas pegando o guarda-chuva:

— Ali vae o ponteiro que me faz brigar chronometricamente com a Venancia! — e passou a chamar-lhe: o "terrivel sr. Hora-Certa", o que logo se espalhou no bairro.

O marido da Guilhermina jamais sahia á noite; mas quando se dava o acaso de sahir, nunca era só. Acompanhava-o sempre ou a propria Guilhermina ou o filho mais velho dos oito que enchiam a rua de uma tilintante *cacophonia* de vidros partidos. E' que elle era doido pela mulher — diziam — um typo possante, bonitaço e saudavel de colona allemã, que, segundo o Godinho do armasem, quebrava um caixão de kerosene com um simples socco.

Elle era figura totalmente opposta. Magrissimo, pernilongo, enrugado como um féto, extremamente curvado, como si lhe pesasse na extremidade superior a cabeça macrocephala, carregava uma asthma, ou cousa parecida, que o impossibilitava de cumprir, nos bondes e nas barbearias, com o "é prohibido cuspir no chão" das prescripções da Directoria de Hygiene.

E a folha corrida da sua existencia? Uma limpeza! Mulheres — não. Bebidas — não. Fogos — não. Tudo "não". Não se se lhe conhecia o menos perturbador "sim". — isto é: o mais leve arranhão no sagrado thalamo. Mesmo em solteiro, nunca déra para conquistas. Fôra um casto.

— Não dou pra isso! — respondia systematicamente aos companheiros que o procuravam para pagodeiras.

Verdade é que seu physico é que "não dava para aquillo". Além disso, a cara nunca ajudára ao coitado. E o cerebro — idem. Das manifestações do seu espirito só se conheciam o "está bem!", o "pois não!", o "limpe isso direito!", o "muito obrigado!" e o "Um pé lá, e outro cá!" aos mensageiros.

Emfim, um casal modelo, provocando os mais desencontrados commentarios na vizinhança — o mulherio que olhava para ella com inveja, os homens, que o despresavam com rancor. Para ellas — uma perola de homem; para elles — um mau exemplo, um *embuçalado*, um Hora-Certa, em summa. Mas, no fim, todos concordes: um puro!

Foi, por isso, um escarcéo dos peccados em toda a redondeza, quando os oito protectores da *Vidraçaria Cunha*, sahiram para rua, aos berros, a clamar:

— O papae morreu! O papae morreu An, an, an!...

A casa encheu-se logo. O licenciado Saraiva deu como *causa-mortis* collapso cardiaco, o que deu tambem, margem a que o safardana do boticario, que era todo mettido a poeta, construisse, á custa de seu cadaver, esta chave de arromba para soneto:

Morreu do coração quem delle nunca viveu!

II

Tres dias depois, á noite, a rua pacata do bairro foi novamente sacudida por um alvoroço maior. Dois policiaes bateram á porta da casa da mulher do "marido da Guilhermina". Acompanhava-os uma mulatinha esmirrada, cheia de joanetes por todo o corpo, feia, sem dentes, com a cabeça e uma das mãos enfaixadas.

Veiu o filho mais velho abrir a porta. Ao dar, porém, com os guardas, pos-se aos gritos:

— E' mentira, "seu" guarda! E' mentira dessa negra! Não foi a mamãe nada!

Não tinha conversa! Apesar dos "não pode!" dos vizinhos, levaram Guilhermina de embrulho, emquanto a gurysada esperneava e esbravejava, dependurada ás vestes da genitora.

O assombro do quarteirão não teve limites.

— Viu? Viu em que dá o marido dar tanta "ganja" á mulher? — aproveitou o pharmaceutico para dizer á Venancia — E' isso! Morre o chefe, e a casa vira a frége! Qual, meu bem, não adianta ser Hora-Certa na vida!

No posto, perto dali, as cousas se passaram de modo inesperado.

— A senhora é accusada, aqui pela Maria das Neves, — disse o delegado — de tel-a espancado, produzindo-lhe ferimentos graves.

Guilhermina, altaneira, levantou a cabeça soberba e rilhou com rancor:

— Penna que essa cachorra não tenha morrido!

— Por que motivo?

Por mais forte que seja uma mulher, sempre uma lagrima tem mais força para abrandar a carranca de qualquer delegado.

— Essa negra, "seu" delegado, — exclamou chorando — desencaminhou o meu marido. Enfeitiçou o pobre, com certeza. Elle, que era tão bom pra mim e me queria tanto, se deixou prender por *essa coisa* que o sr. ahi vê. Preferiu essa sarnosa, essa catinguenta a mim. Uma lavadeira de hospital!...

— Não póde ser! Conheci seu marido. Era um modelo.

— Qual o que! — vociferou Maria das Neves — Modelo nada! O marido dessa typa era mas é um porco sem-vergonha que sempre mexia com todo mundo na rua. Mas eu é que nunca dei confiança pra elle. Ainda na semana passada o meu homem teve que correr com elle, de tranca, de lá da porta de casa. Mas fique sabendo que um catarrho daquelles, nem coberto de ouro! Sou de côr, mas sei me valer!...

— Cale-se!... E quando foi que descobriu que elle a enganava?

— No dia em que morreu, doutor, se bem que eu já andasse desconfiada, pois muitas vezes elle me trocava o nome e me chamava de Maria das Neves.

O delegado ficou com a pulga na orelha.

— No dia em que morreu?... E a senhora brigou com elle nesse dia?

Guilhermina teve um sobresalto.

— Ai, não, senhor! Nós não brigavamos nunca. Eu queria muito elle. Deixei até pra falar na coisa mais tarde. Mas deu a casualidade delle morrer nesse dia...

— Conte isso direito. Surprehendeu-o em flagrante, por acaso?

Ah! não! E contou, então, que nesse dia, antes delle chegar do serviço, fôra arrumar a cama — coisa que elle é quem fazia sempre — quando, ao virar o colchão, encontrou um caderninho todo escripto a mão. Curiosa, principiou a lel-o. Foi nesse caderninho que tivéra a revelação de tudo.

— E onde está esse caderno?

Ella quasi que se atrapalhou.

— Está aqui. — abriu a bolsa e entregou-lh'o, a mão tremula.

O delegado chamou o commissario:

— Valdomiro, leve essas duas mulheres lá para a outra salinha. Que não briguem! E não deixe entrar ninguem até que eu chame.

III

O delegado recostou-se á giratoria e começou a folhear o caderno. No inicio, eram versos, onde a palavra *neve* era explorada em todos os sentidos. A seguir, um diario. Poz-se a lel-o, ao acaso:

"*15 de Agosto:* — Hoje vi Maria das Neves, de longe. Segui-a com os olhos marejados, até vel-a desapparecer numa esquina. Ia com a trouxa da roupa á cabeça. Como estava encantadora de vestido engommado e de chinellinhos! Como equilibrava bem a trouxa!

Que pescoço forte tem essa franzina creatura!... Penna que lhe faltem os dentes!... Mas o amor, quando é intenso como o meu, não se demora nos detalhes. Amor é doença de conjuncto. Um dia, talvez, si os fados se mostrarem menos inimigos e ella usar para commigo de mais brandura, talvez lhe possa dar uma dentadura nova!

Maria das Neves, por que me tratas com tanta crueldade?!..."

"*18 de Agosto:* — Esta noite tive um sonho — symbolo. Sonhei que eu jazia num leito enorme, presa de febre maligna. O medico, que era a imagem viva da minha mulher ao pôr-me na axilla o thermometro, fel-o com tanta infelicidade que o rompeu. Uma porção de bollinhas de azougue correu, lençoes abaixo, indo, pouco adiante, unir-se numa só. Puz-me de joelhos na cama, e cheio de ansias, procurei pegal-a. Em vão. A esquiva bollinha de hydrargyrio não se deixava prender, resvalando-se-me por entre os dedos, fugindo, fugindo sempre, na cama interminavel.

Maria das Neves, bollinha de azougue do meu desejo, como sou desgraçado!"

"*25 de Agosto:* — Hoje tive outra violenta scena de ciumes com Guilhermina. O motivo? Haver eu me barbeado

dois dias seguidos... Tirou-me todo o dinheiro que eu trazia nos bolsos, como sempre, mas desta vez, ferozmente. E ainda me arremeçou com a vassoura de piaçaba á cabeça.

Quer-me só para ella! Quer que eu seja só della. Ai, só della!... Mas, que é um copo d'agua para quem traz no peito uma sêde de deserto?... Então o homem só tem direito a um Unico Amor? Não!. Seria horrivel ouvir um instrumento tocar sempre a mesma musicá. E o meu coração, como um instrumento, é capaz de interpretar todas as partituras...

Só ha Equilibrio na Variedade. A Natureza, que é sábia e mestra unica, foi exclusivista. Em uma mesma flôr podem libar dez abelhas, como uma mesma abelha póde libar em dez flôres. Nem por isso, flôres e abelhas trahirão sua doce missão — a de darem mel...

E eu já ha quinze annos libo na mesma flôr!

Maria das Neves, segunda flôr do meu desejo, afasta de ti esses espinhos!

"1' de Setembro: — Eu soube hoje que o Gervasio da pharmacia, tão puritano e gritão, tem duas amantes. Faz elle bem? Faz como todos. Faz o que não tenho a coragem de fazer. Depois, a culpa não é delle. E' da "especie".

Sim; o homem, artificíalizado pelo raciocinio, é o unico animal que officializa o numero 1. Elle fez desse numero todo um codigo, a que os medrosos, como eu, talvez respeitem, mas que os hypocritas violam a todo momento, clandestinamente. Dahi o seu absurdo. A maioria proclama as excellencias da legalisada unidade 1, exclusivamente para salvaguardar as apparencias e defender, quem sabe? uma outra preferida. Um 3, por exemplo, como o Gervasio...

Que direito tem, pois, a sociedade de impedir que eu divida o meu amor entre Guilhermina, Maria das Neves ou outra qualquer mulher que eu entender? Do cerceamento de prerogativas como essas é que nascem, muitas vezes, os revoltados, e os inuteis como eu... Mas, que se vae fazer? O mundo é assim mesmo...

Um Cynico o Gervasio! Mas, em todo o caso, elle sabe se defender..."

"5 de Setembro: — Levantei-me triste, hoje. Guilhermina quiz por força saber o que eu tinha. Como lhe dissesse que nada, procurou bater-me. Janjão não deixou. Guilhermina ama-me tanto que até os pensamentos quer que eu os reparta com ella. Mas, como poderia eu dizer-lhe que meu espirito reclama outros amores para abrandar a sua inquietação? Ella não comprehenderia este inferno interior. E sovar-me-ia, certamente.

Ah! o amor methodico e sem surpresas do lar anniquillou-me por completo. E dizem que é immoral buscar outros que me reanimem. Por que? Porque leis ineptas nivelam todos os temperamentos, dão um padrão unico ao sentimento humano, sem cogitarem da infinita diversidade de caracteres, da immensa legião de indoles differentes que ha por este mundo.

Abaixo as leis! Viva o amor-livre! Quero Maria das Neves, e prompto! Arranquemos a taboleta idiota que está pinchada sobre o portico do chalet de taboas de Moral Unica, e que reza: *Noli me tangere!* Esse "não me toques" é a superstição dos que gemem ao cabresto do preconceito, prestigiando uma moral absoluta num mundo relativo.

Contrasenso!

Mas eu perdôo o amasio de Maria das Neves, que, hontem, me surrou com tranca. E' um bruto. Não comprehende essas cousas..."

"7 de Setembro: — A dona do mercadinho disse-me hoje que eu sou um homem felicissimo, pois tenho uma mulher que é um "pedaço" (textual), que me cuida quando adoeço, e me ama de verdade.

Realmente. Encarando a felicidade por esse lado, sou felicissimo mesmo. Tenho tudo quanto póde ambicionar um proprietario de Engraxataria — uma mulher assidua e sadia, e oito filhos que são uma alegria e, futuramente, uma renda.

Isto quer dizer que não tenho mais direitos a reclamar? Que devo contentar-me com essa felicidade, que fez de mim um homem quite, pago e satisfeito, a pactuar sensatos por normas pre-estabelecidas? Quer dizer que, daqui em diante, devo considerar minha vida com o credito cancelado, pois "as instituições não podem ser affrontadas" com meu humanissimo desejo de viver outros ideaes, fóra do matrimonio? Pelo visto, quem se prendeu uma vez, não tem mais o direito de libertar-se? O casamento não é um tratado de Amor, mas uma escriptura de Escravidão? A alliança deixou de ser um symbolo de fidelidade, que se respeita emquanto *se póde,* para ser uma algema, que se carrega emquanto *se vive?*

Protesto!

Mulheres d'aquem e d'além mar! si um dia estas linhas vos chegarem ás mãos, sabei que só por um sorriso vosso, eu seria capaz de transformar o mundo numa fogueira, e a humanidade em montões de cesados! Amo-vos, damas gentis! Adoro-te, Maria das Neves, até o delirio!..."

IV

Quando o commissario entrou no gabinete, o delegado não poude esconder seu espanto: — Parece mentira, Valdemiro! O marido da Guilhermina foi o typo mais completo de adulteró theorico, de degenerado contido, de devasso platonico que existiu. Aquelle sujeito, com acção e poder, teria sido uma calamidade historica. Bastava que elle tivesse possuido o caracter da mulher, e, a estas horas, estariamos ás voltas com um segundo Landru', um novo Barba-Azul mil vezes mais perigoso, por sel-o raciocinado, com "razões"... Quem diria isso do "Hora-Certa"!... Olha, manda Maria das Neves embora, e tranca-fia Guilhermina no *xadrez!*

Quatro mezes após, Guilhermina entrava em julgamento, e era absolvida. O advogado de defesa "conseguiu provar" que os cacos de louça encontrados embutidos na cabeça do defunto, quando o desenterraram para a autopsia, alli compareciam em virtude delle haver tombado sobre uma sopeira, ao soffrer o *collapso cardiaco,* realmente constatado pelo medico legista, e não como accusára a promotora: "o collapso foi motivado pela sopeirada!"...

Fazia tambem, quatro mezes que o relogio da botica não havia geito de andar certo, e que o Gervasio tivéra a precaução de queimar *certos manuscriptos* que estavam numa gaveta do cofre...

O serviço militar do Principe de Galles,

O Principe durante a guerra, na frente franceza

Perguntando alguem, certa vez, ao Principe de Galles sobre sua actuação na grande conflagação européa, respondeu com sua habitual modestia:

— A parte que tive na grande guerra foi, infelizmente, muito insignificante. Collocado, porém, em certo ponto de vista, alegro-me por ter atravessado aquelle periodo, porque durante aquelles quatro annos estive no meio de homens e o ambiente e os perigos encheram de vigor minha juventude.

Quando penso no futuro e nas grandes responsabilidades enormes que provavelmente me esperam, convenço-me de que a experiencia daquelles annos me será de muita utilidade.

Estas mesmas palavras elle as pronunciou quando, em maio de 1919, falou perante a historica assembléa de Guildhall, em Londres.

1914 X 1918

Cabe, entretanto, recordar que S. A. R. o Principe de Galles tomou parte activa nos combates de todas as frentes e que, portanto, não é o caso de definir sua actuação na grande guerra européa como "muito insignificante", como elle proprio o faz. Suas palavras traduzem apenas os sentimentos do homem que fez tudo o que lhe foi possivel, mas quizera ter podido fazer mais. Ninguem ignora que o herdeiro do throno da Inglaterra foi afastado do **front** por razões diplomaticas e por fadigas physicas superiores ás suas forças.

Começou seu serviço como sub-tenente da Guarda de Granadeiros, em 7 de Agosto de 1914, passando, a 11 do mesmo mez, para o primeiro batalhão de Warley Barracks, afim de iniciar um severo treinamento que durou até 19 de Novembro.

Durante esse periodo dedicou-se o principe a exercicios de campanha, marchas forçadas, trabalhos de pontoneiro, operações nocturnas, reconhecimentos e outros exercicios fatigantes, executando os 101 pontos do programma da guarda a que pertencia. Demonstrou, então, bastante resistencia physica, demonstrando a sem razão das preoccupações das anciãs inglezas, que protestavam contra exercicios tão rudes para um principe tão joven.

Sua Alteza entre os soldados de França

Numa trincheira belga

Achava-se nesse periodo de treinamento, quando teve certas desintelligencias com lord Kitchener, o qual pretendia que "não tendo ainda a pratica preliminar, não podia S. A. R. prestar serviço activo no exercito". — Que importa — respondeu-lhe, certa vez, o principe, — se me matarem?... Tenho quatro irmãos!

— Se estivesse seguro de que o matariam — replicou lord Kitchener, — não me consideraria com direito de impedir que fosse para a frente; o que temo é que o inimigo o faça prisioneiro e nos obrigue a acceitar qualquer pacto deshonroso.

Prompto para marchar

Com este argumento, que demonstra com clareza a despreoccupação do Principe, teve este que contentar-se, por aquella vez. Mas não desanimou em seu proposito até conseguir que, em Novembro do mesmo anno, fosse destacado para a França como ajudante de ordens de sir John French.

Atravessou o canal sem accidentes e começou seu trabalho no Estado Maior. A este respeito é bom recordar que naquelles tempos havia mais "Principes de Galles" em França, que os conhecidos na familia real britannica. Por todos os lados apparecia um delles, e até falava em publico, sem que o verdadeiro Principe de Galles o soubesse. Sua actuação no Estado Maior, longe do ruido das metralhadôras, logo encheu de tédio o herdeiro da corôa britannica, que aproveitava o menor pretexto para dirigir-se, fugazmente, para a **frente**, escapando á vigilancia de "seus guardas", como chamava ás pessôas encarregadas de refrear seus impulsos juvenis por dirigir-se aos campos de batalha.

Foi por esse tempo, quando o Principe pensava a meúdo na triste sorte que, como principe, lhe havia reservado o destino, e da pouca liberdade que sua régia condição lhe concedia, que uma grande melancolia começou a invadir seu espirito.

As fugas pouco frequentes, porque a vigilancia que sobre elle se exercia era severa; mas, ainda assim, conseguiu satisfazer seu enthusiasmo repetidas vezes, a maoria dellas como mensageiro em uma simples bicycleta, para despistar aos que teriam podido reconhecel-o e fazer perigar a excassa liberdade de que gosava.

Depois de actuar durante alguns mezes no Estado Maior, sob as ordens de sir John French, o Principe foi passado ao commando de sir Charles Munro (primeiro corpo de exercitos), depois ao do General Horve (hoje lord Horve) e, finalmente, á divisão da guarda, sob o commando do conde Cavan.

Falando ás tropas Canadenses

Depois, com excepção dos curtos intervallos em que funcções publicas urgentes reclamavam sua presença na Inglaterra, passou a maior parte do tempo no corpo de Expedicionarios, que actuava em França e na Flandres.

Foi nesse tempo que adquiriu a experiencia que hoje se aprecia, familiarizando-se com os sentimentos de seu soldados rasos, igualmente com os demais collegas de commando, tendo constante contacto com os desfiles de feridos, com os prisioneiros inimigos e com a morte. Por essa epoca deixou a França para ir ao Egypto, com o corpo de Expedicionarios

(Termina no fim do numero).

Viagens do Principe de Galles

O transatlantico "Oropesa", que foi escolhido para conduzir o Principe de Galles e o Principe George á America do Sul. Partiu de Santender.

O rapido Hendaye-Paris descarrilhou. Os principes, passageiros delle, rumo de Santender, tiveram que tomar outro trem.

Numa interessante combinação de trage de official de cavallaria e smoking.

No carro do Governador das Bermudas

(International News Photos)

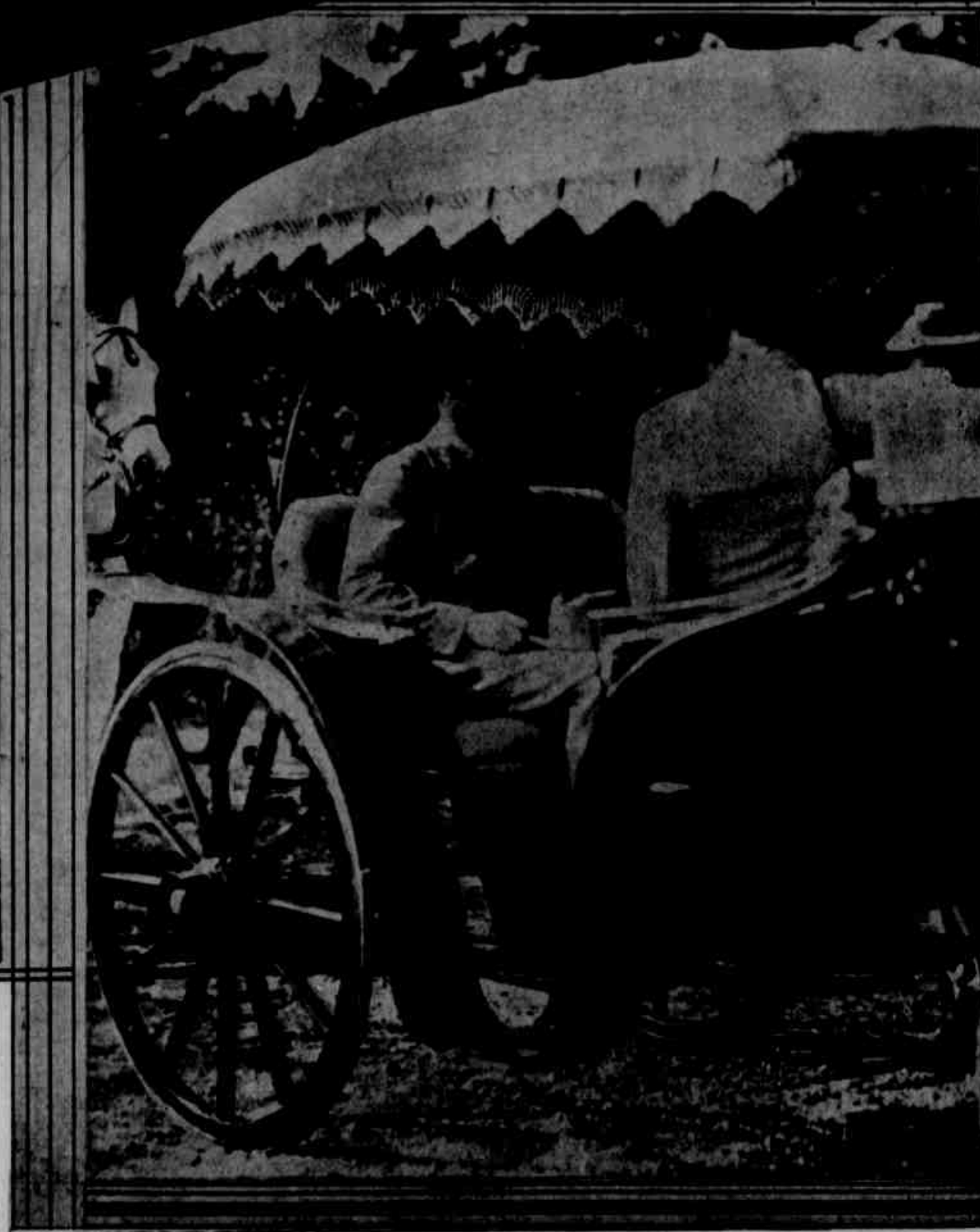
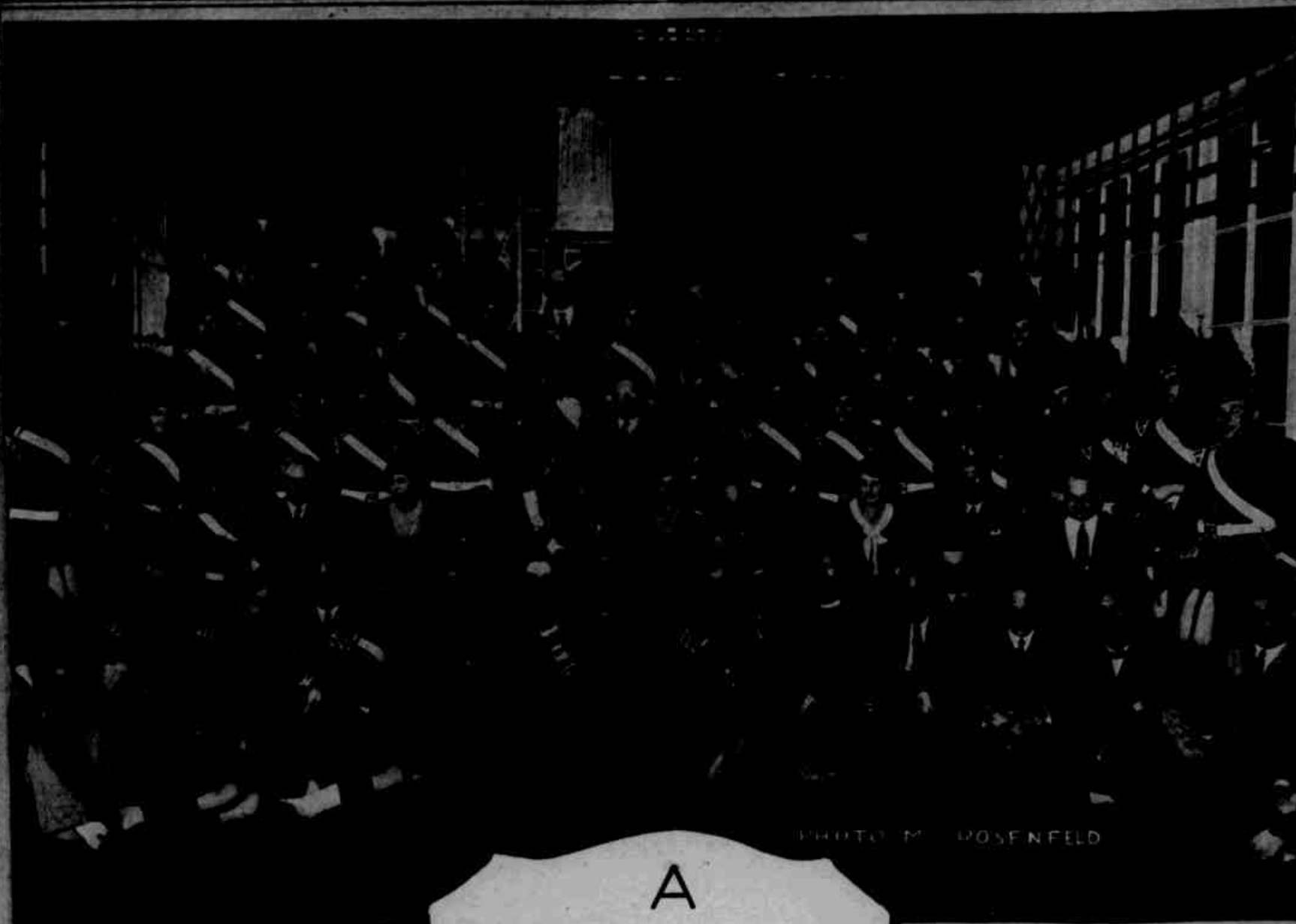



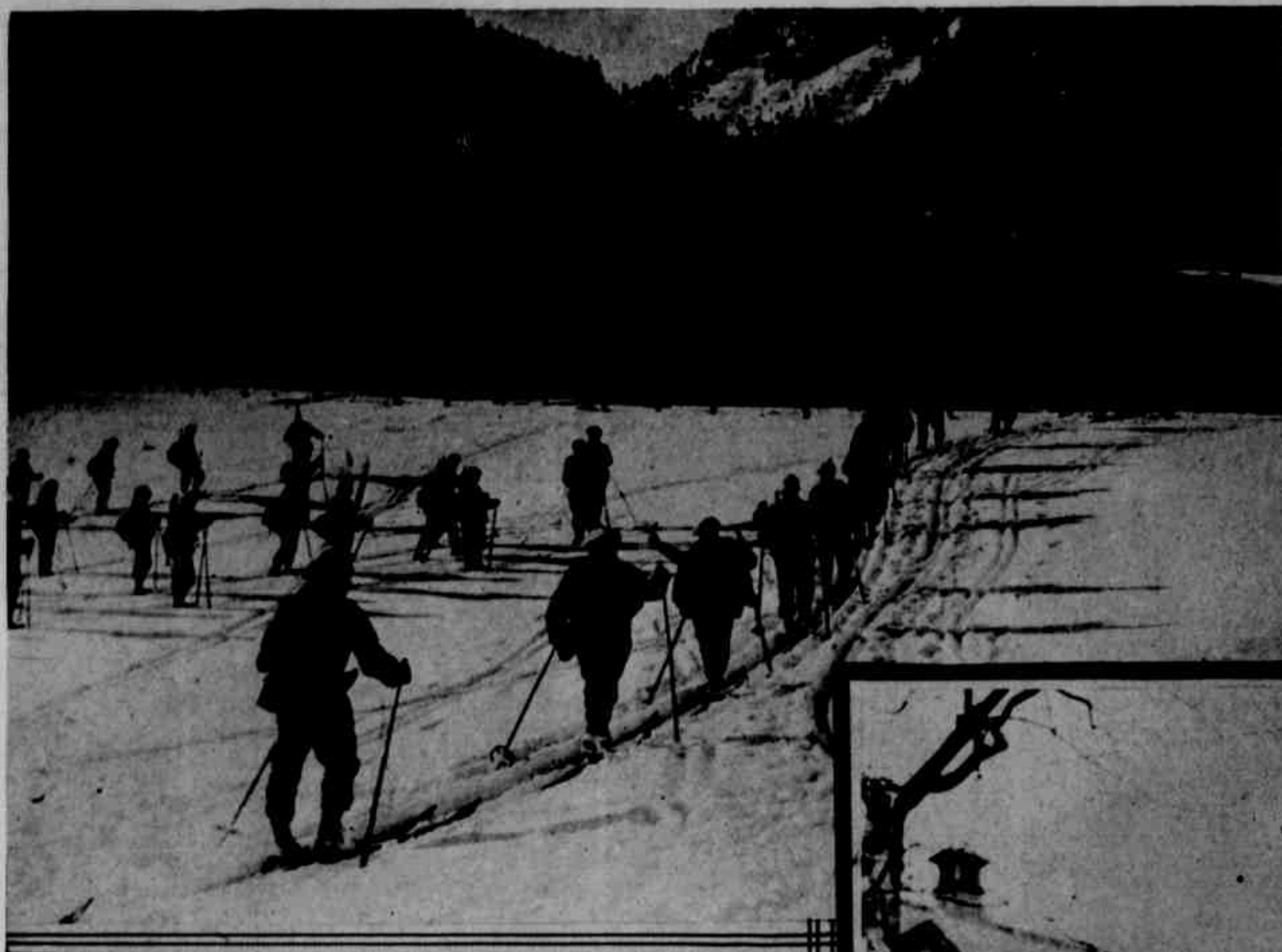
PHOTO M. ROSENFELD

A Banda Escossesa

do Queen's Own Cameron]

Photographias tomadas em São Paulo quando foi o almoço offerecido pela Camara Britannica do Commercio.

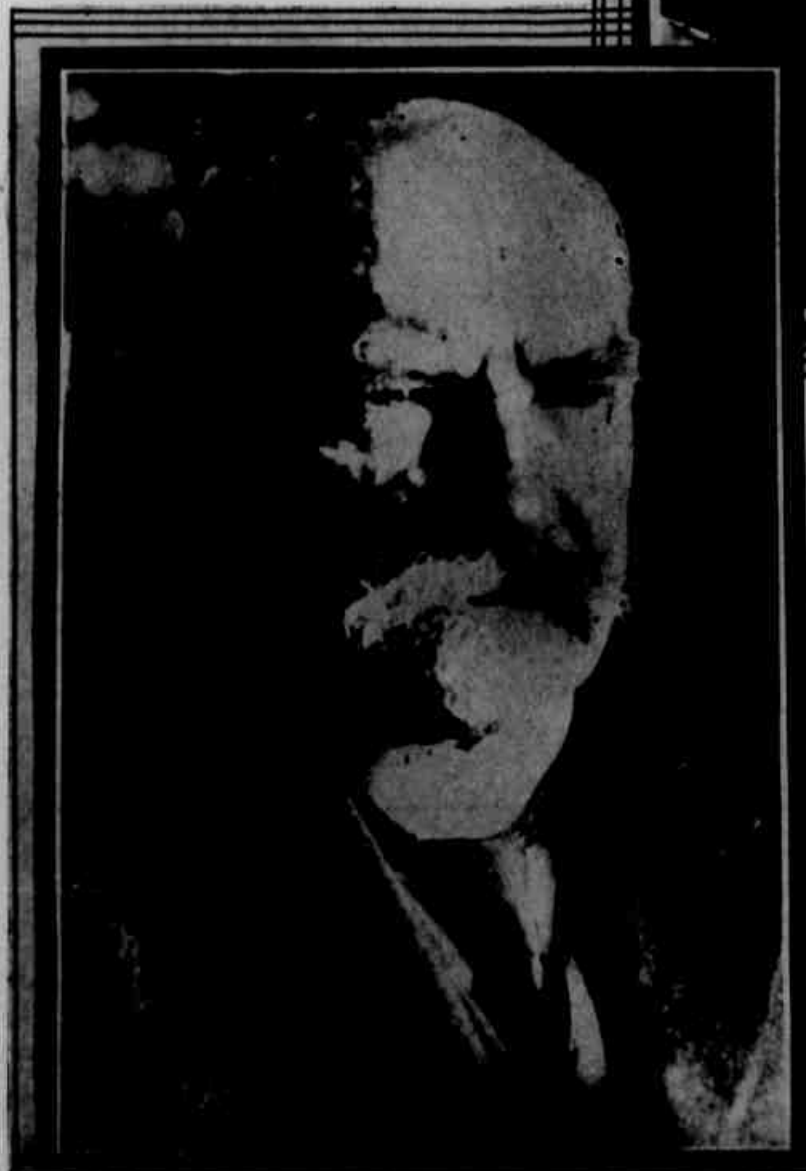
O Principe de Galles

Desenho de Lula

Manobras do Exercito Francez. Transporte de canhões leves nos hombros pela infantaria alpina através das regiões mais difficeis da Savoia.

Em baixo: Pehr Evind Svinhufvud, ex-primeiro Ministro da Finlandia, que acaba de ser eleito presidente para o periodo de dois annos. O collegio eleitoral da Finlandia, por 151 contra 149 votos, proclamou Svinhufvud Presidente da Finlandia.

Como protest
condemnados
collocaram c
baim, imped
culos. Bomb
commercial
um mi

Em ba
a maior
da, com
nista su
demann,

Da terra dos outros

O Primeiro Ministro Yuko Hamaguchi, o "Leão do Japão", que foi alvejado por um inimigo politico no dia 15 de Novembro do anno passado, deixando o hospital completamente restabelecido e cercado de amigos. Todo o Japão vibrou de grande contentamento ao saber que elle estava novamente dirigindo a nação.

Como protesto contra as execuções dos condemnados de Sholapur, os indianos collocaram correntes nas ruas de Bombaim, impedindo o transito dos vehiculos. Bombaim é o grande centro commercial da India. Tem mais de um milhão de habitantes.

Em baixo: Kea Doumann, a maior tennista da Hollanda, com seu marido, o tennista suisso Alexander Tiedemann, no dia do casamento.

Soldados da Guarda Palatina do Vaticano com os seus novos uniformes. No kepi, as armas de Pio XI.

Em baixo: Julius Curtius, Ministro dos Negocios Estrangeiros da Allemanha, é solemnemente antipathisado pelos hitleristas que resolveram não voltar mais ao Reichstag, a menos que haja um assumpto de suprema importancia. Os fascistas tambem se mostram indignados com o Dr. Bruening, que é o actual Chanceller.

O Principe Herdeiro Humberto da Italia e sua esposa, a ex-Princeza Maria José da Belgica, gosando a praticagem do skii nos Alpes italianos. O Principe e a Princeza, que contam respectivamente 26 e 24 annos de idade, casaram a 8 de Janeiro de 1930.

(International News Photos)

Carnaval de 1931

Em cima, á esquerda: baile no Gremio Recreativo de Ourinhos.

■

A' direita em cima e em baixo: Maria José e José Maria, filhos do casal Elias de Moraes.

■

Em baixo, á esquerda: Senhorita Lygia Costa Velho, no baile do America F. Club. Photographia de M. Rosenfeld.

ASSIS BRASIL.

A MAIS velha promessa do Brasil. Tão velha, tão arraigada, que pássa de geração a geração, sempre firme. A gente confia em Assis Brasil. É um costume. É um habito que os nossos avós contrairam, os nossos paes herdaram e nós teimamos em cultivar sem saber por que, ou por isso mesmo. Com o ar de chromo, com as leguas que o separam da realidade, Assis Brasil não vive já igual aos outros homens. Páira. E salta, deslisa, dá mil voltas sem sair do logar. Faz o bailado da esperança nas imaginações nacionaes. Não creou a raça humana. Não roubou o fogo do céo. Não esteve amarrado em nenhum rochedo. Nenhuma aguia se alimentou do seu figado inexgottavel. Mas, quando morrer, resumindo a biographia delle, o epitaphio deve ser simples e rapido:

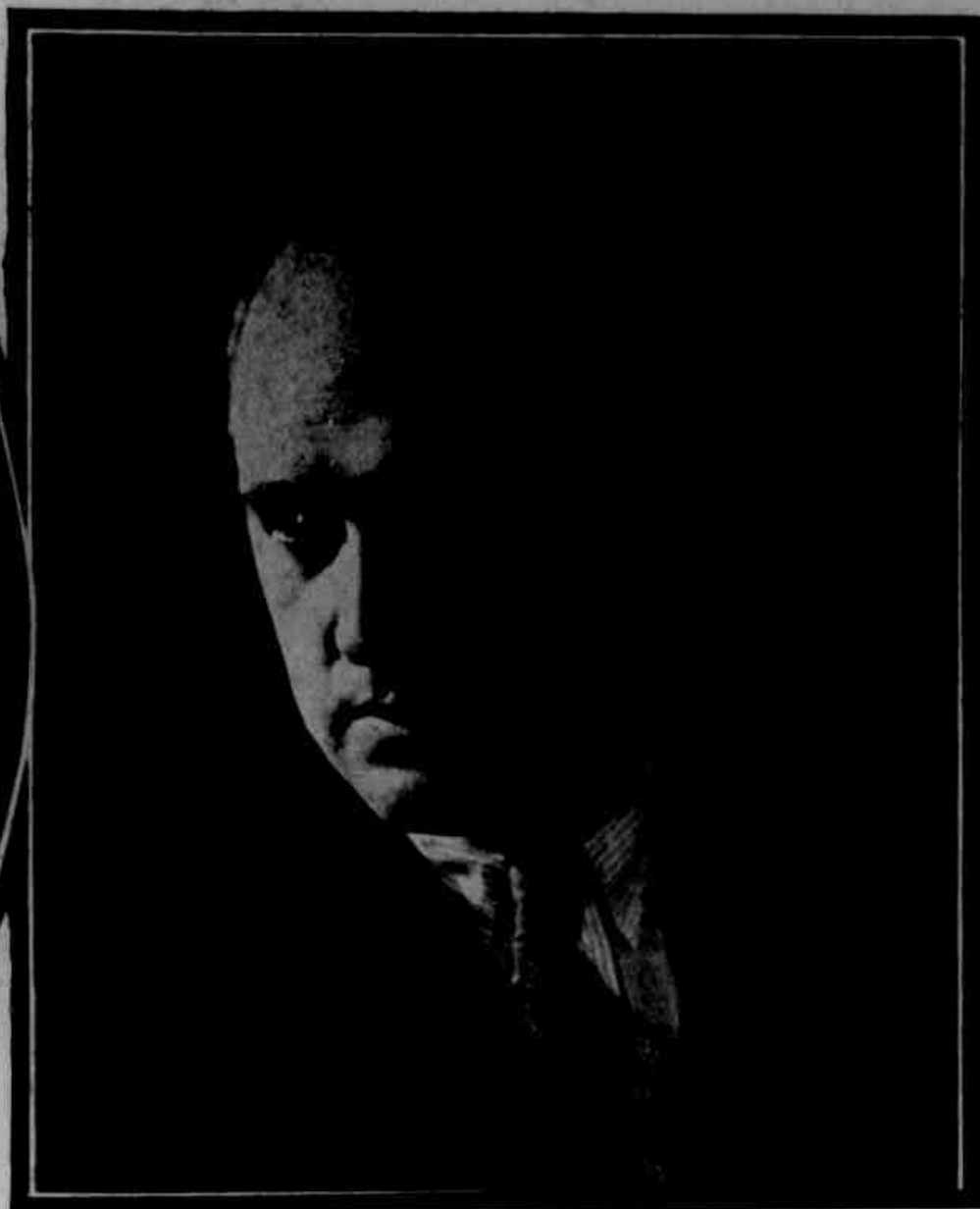
PROMETTEU

Um h de menos, um t de mais, o som não muda. E Assis Brasil continuará a ser debaixo da terra o que foi em cima: um mytho.

ALVARO MOREYRA

Desenho de J. Carlos

THEATRO

Abigail Maia, artista bem querida. Voltou ao Rio que andava com saudades della e está no Lyrico representando coisas brasileiras.

Oduvaldo Vianna. Tinha desconfiado do Theatro. Ia se passando para o Cinema. Mas ninguem fóge ao seu destino. Oduvaldo não fugiu.

Miquelourvantzoff, o scenographo do Theatro de Camera de Berta Singerman. E' um artista moderno. Todos os seus trabalhos, em synthese, dão o ambiente completo ás peças e foram um dos motivos do grande exito do Theatro de Camera aqui.

Lely Morel é uma argentina de Buenos Aires que passeia a sua cidade pelos nossos palcos. Canta tangos e ares criolos com uma vóz nostalgicissima. Agora está gravando discos Parlophon, alguns em dueto com Milonguita, compositor e cantor do pampa.

Quando os jornaes da cidade espalharam a noticia da visita do Principe de Galles, a Ritinha sentiu uma especie de *curto-circuito*, em todas as vertebras. — O Principe de Galles! Nunca a Ritinha, menina brava dos tropicos, pensára ver em carne e osso aquella figura de lenda! O solteirão popular que prefere, á paz bucolica do lar, as quédas desastradas das corridas de cavallos!

Um sorriso nervoso desabrochava os labios da Ritinha e, além das historias dos principes de opereta que se enamoram das pastoras, a menina dos tropicos recordava o romance do Principe Carol da Rumania...

O Mundo dá muitas voltas...

A lingua de Shakspeare, a despeito de suas difficuldades, tinha então para a pequena Ritinha o aspecto de uma barricada que começava a ceder a golpes de... diccionario.

As vigilias eram longas. Quando aquellas palpebras grandes e azuladas baixaram ao som das quatro horas do carrilhão de Westminster no *hall* da escada, a Ritinha ouviu perfeitamente um ruido de passos cadenciados, só naturaes em pessoa de alta distincção.

Tremula, nervosa, hesitante e decidida a Ritinha desceu as escadas dentro de seu pyjama, cor de morango; abriu, bruscamente, a porta e projectou-se nos braços de um vulto mal esboçado na meia treva da madrugada.

Era o leiteiro!

UM SENHOR MAGRO — E' o que dóe! E' o que dóe! Mas escute: (lendo) "Somos um paiz perdido! Nossos homens nos conduzem para destinos desconhecidos! E' o abysmo! E' o cáos! E' a ameaça de uma intervenção estrangeira! Que vergonha! Bandeiras de outras nações tremulando onde deviam tremular apenas as nossas! Por que? (a garçonnette põe a victrola em funcção, e o disco rompe num samba vibrante) Por que? (é a sua voz se alteia para ver se supplanta a victrola) Ora bolas! Ora bolas! Musica profana para cortar o fio das minhas palavras patrioticas?

UM SENHOR GORDO — Congratulemo-nos! Congratulemo-nos! E' musica brasileira! Musica do nosso coração, que veiu compartilhar comnosco no nossso ardor patriotico! (levantam-se cumprimentam-se e seguem com enthusiasmo o rythmo da musica) O' garçonnette! Venha cá! Está ouvindo? Isto é um samba brasileiro! E' o coração da patria que ri! Na sua terra tem disto?

UM SENHOR MAGRO — Isto é fructa nacional, nacionalissima! Viva o Brasil!

A MULHER (que esta dentro do reservado) — Te fuiste? Ah! ah! ah! Que te vayas bien!

UM SENHOR GORDO — Annita, suspenda a musica! Nós estamos discutindo sobre os destinos da patria. (A victrola pára)

UM SENHOR MAGRO — Pois então escute mais este pedacinho! Eu aqui attinjo o

Principe de Galles — Desenho de Fragusto

O APARTAMENTO AZUL

COMEDIA EM 6 QUADROS DE BRASIL GERSON

(Continuação)

alto poder prophetico de Ruy. Escute: (lê) "Estes governos, estes politicos, estes jornaes taparam com miragens falsas os olhos do povo..." Ouviu? Com miragens falsas! (grave) E' a falsa visão que todos temos dos acontecimentos... Meu pae foi sargento do 1º de artilharia, aquartelado no Amazonas, e morreu cantando a canção do soldado... (imita, com emoção) "Nós somos da patria a guarda, fieis soldados por ella amados..."

UM SENHOR GORDO — Morreu em combate, em defesa do nosso auri-verde pendão?

UM SENHOR MAGRO — Morreu de indigestão, depois de uma feijoada. Mas o seu acendrado patriotismo ficou dentro de mim. O sr. não imagina: eu ás vezes passo noites em claro, sem poder conciliar o somno, pensando seriamente no futuro do Brasil.

UM SENHOR GORDO — Esse carinho profundo pela causa da patria nem Floriano eu acho que teve... (com mysterio) Pois saiba o sr. que as minhas preoccupações não são menores que as suas...

UM SENHOR MAGRO — Que me diz?

UM SENHOR GORDO — E' o que eu lhe digo: sou o responsavel pela tremenda crise economica que afflige o Brasil, neste momento...

UM SENHOR MAGRO — O senhor?

UM SENHOR GORDO — Eu...

UM SENHOR MAGRO — Mas isto é muito grave!

UM SENHOR GORDO (mostrando-lhe com cuidado um revólver) — Está vendo? Pois estou disposto a fazer justiça, a mim mesmo, pelas minhas proprias mãos...

UM SENHOR MAGRO — Oh!

UM SENHOR GORDO — A consciencia me accusa de minuto a minuto. Vou por uma rua, e si vejo um homem em crise o remorso me assalta e a consciencia me diz, baixinho: "Mathias, tu és o culpado!"

UM SENHOR MAGRO — Como obteve a certeza de que a culpa é sua?

UM SENHOR GORDO — Porque uma noite, dez dias antes da crise, sonhei que o café baixaria e que o dinheiro iria faltar. E no sonho alguem me disse: "Mathias, acorda e escreve uma carta ao presidente da Republica com estas palavras, só estas: "Abra o olho, excellencia!"

UM SENHOR MAGRO — Escreveu?

UM SENHOR GORDO — Não...

UM SENHOR MAGRO — Oh!

UM SENHOR GORDO — Mais dois duplos, Annita! (ao sr. magro) E foi por este descuido meu que a crise estourou... Mea culpa! Mea culpa!

A GARÇONNETTE (trazéndo os chopps) — Mas os srs. continúam dizendo bobagens? Ha um remedio para isso, para acabar com essas preoccupações. Cavem umas pequenas bonitas, e vão ver como o Brasil é um paiz muito feliz...

UM SENHOR MAGRO (com ternura) — Só se você quizesse, Annita...

A GARÇONNETTE — Passo!

UM SENHOR GORDO — Ingrata como todas as mulheres! Não olha para nós, que somos tão sympathicos, e daqui a pouco vae receber entre sorrisos os meninos bonitos que vêm visital-a com más intenções...

UM SENHOR MAGRO — E' uma pura verdade, a sua... A mulher é um producto que se destina aos homens de más intenções... Este elogio — "Il est très gentil!" — não passa de uma tapeação que as francezas inventaram para tomar o dinheiro dos abastados coroneis nacionaes...

ERNESTO, PEDRO E OS 2 AGENTES (entram agora e sentam-se todos em torno de uma mesa).

A GARCONNETTE — Os senhores?

ERNESTO — Vocês o que tomam? Para mim, um duplo.

O 1º AGENTE — Tambem.

O 2º AGENTE — Idem.

PEDRO — Para mim, uma limonada.

ERNESTO — Limonada? Si eu fosse dono de uma casa de chopps e visse alguem na minha casa tomando limonada, cobraria pela limonada 10$000...

PEDRO — Ora essa! Por que?

ERNESTO — Porque isso seria uma desmoralisacão para a casa de chopps.

A MULHER (dé déntro do résérvado) — Te fuiste? Ah! ah! ah! Que te vayas bien!

PEDRO — Vocês não conhecem esta voz?

ERNESTO — Deve ser a voz de Consuelo.

O 1º AGENTE — A pequena do Vermorel?

ERNESTO — Ha quinze dias que ella não apparece mais no jornal. Eu acho que o nosso elegante redactor-chefe se passou para a mulher do caso do apartamento azul...

PEDRO — Essa póde ser mais bonita, mais complicada, mas a Consuelo era muito mais sympathica. Que garota maravilhosa! Todas as noites, depois do theatro, ia alegrar a gente na redacção.

ERNESTO —Aqui entre nós, em segredo: essa dona Fausta não terá de facto culpa no cartorio?

O 1º AGENTE — Teria si fosse um pouco menos notavel...

O 2º AGENTE — Nunca vi uma mulher com tanta calma!

O 1º AGENTE — E com tanto geito para desarmar a policia!

ERNESTO — O Vermorel ficou tão impressionado por ella que estragou aquella nossa reportagem estupenda.

O 1º AGENTE — E o nosso querido com-

missario, em vez de fazer investigações, deu agora para fazer poesias...

ERNESTO — Tenho a certeza disto: escutem... (mas não conclue a phrase porque nessé instante Consuelo, acompanhada de um senhor qualquer, sahe do reservado e distrahe a attenção do grupo).

CONSUELO — Buenas noches!

ERNESTO — Oh! Consuelo! Como vae? Ha tanto tempo! Sente-se um pouco. Conte o que tem feito.

CONSUELO — No... Estoy acompanada... No: ya no estoy... (ao senhor qualquer) Ohe! Me quedo un poco con mis amigos periodistas. Hasta más tarde! (sénta-se) (O senhor qualquer diz: "A' vontade, que rida...", cumprimenta o grupo e sahe).

ERNESTO — Mas então, Consuelo? Que tem feito? Nunca mais appareceu no jornal para alegrar a gente... Onde está aquella sua alegria tão bonita?

CONSUELO — Se marchó...

ERNESTO — Por que?

CONSUELO — Vermorel és un bruto! Yo le queria tanto, y él no ha sabido quererme...

ERNESTO — Eu acho que foi por causa daquella mulher, daquella noite...

CONSUELO — Una hay que ser valiente para creer en los hombres... Te acórdas? Que te decia yo hace 15 dias de Vermorel? Todo eso: "Estoy contentisima! El és un hombre verdaderamente adorable, que tiene todo lo que és necesario para hacer feliz a una mujer apasionada... Sus besos queman como fuego! Sus cariños son dulces como miel... Y sus palabras a media voz tienen la melodia de una canción hecha de felicidad..." Todo eso yo te decia, cuando hacias la reportaje do que hay sucedido en el departamento azul. Y diez minutos despues él telefoneava para aquella mujer...

ERNESTO — São exaggeros seus, Consuelo... Eu sei que elle gosta de você. Para que tudo isso? Telephone e faça as pazes...

CONSUELO — Yo telefonearle? No...

ERNESTO — Ora, Consuelo...

CONSUELO — No...

ERNESTO — E si elle lhe telephonasse?

CONSUELO — Entonces yo seria la más feliz de todas las mujeres...

ERNESTO — Mas como você é dura!

CONSUELO — Se mi caracter és asi, tienen la culpa ustedes, los hombres... Mi madre ya me decia: "Niña, hay que ser valiente con los hombres!"

ERNESTO — E você é?

CONSUELO — Mucho más que dueña Tiburtina!

ERNESTO — Então você é um perigo! (aos outros) Querem ir um pouco ao cabaré?

PEDRO — Bôa idéa!

ERNESTO (botando uma nota em cima da mesa) — Annita, pague-se! (á Consuelo) Consuelo, quer dar-nos a honra da sua companhia?

CONSUELO — Por un momientito... Mi querido novio esperame. Mañana és mi aniversario... Me dará una alhaja de brillante! Que piensas? (e o grupo sahe, alegremente).

UM SENHOR MAGRO (que estava prestando attenção á conversa) — Ouviu?

UM SENHOR GORDO — Não fiz outra coisa...

UM SENHOR MAGRO — Que tal?

UM SENHOR GORDO — Acho engraçado o que os homens e as mulheres dizem sobre o amor...

UM SENHOR MAGRO — Todos os homens dizem que entendem de amor, que as mulheres são ingratas e todos garantem, sob palavra de honra, que nunca mais serão victimas das mulheres...

UM SENHOR GORDO — Todas as mulheres dizem precisamente a mesma coisa, com referencia aos homens...

UM SENHOR MAGRO — E a verdade onde está?

UM SENHOR GORDO — Em parte nenhuma...

UM SENHOR MAGRO — Em alguma parte ha de estar a verdade...

UM SENHOR GORDO — A verdade não existe.

UM SENHOR MAGRO — Existe!

UM SENHOR GORDO — O que existe é a realidade.

UM SENHOR MAGRO — Então o que é a verdade?

UM SENHOR GORDO — A verdade é um ponto de vista. Ou melhor: é uma maneira pessoal de ver a realidade...

UM SENHOR MAGRO — Consuelo, que esteve aqui falando com aquelles rapazes, era...

UM SENHOR GORDO — ... era uma mulher. Realidade: Consuelo é uma mulher. Agora a verdade sobre a mulher: bonita?

UM SENHOR MAGRO—Assim... assim...

UM SENHOR GORDO — Nada disso: bonitissima! Tenho ou não tenho razão? A realidade: elle é uma mulher. A verdade: ella é uma mulher passavel para você, e muito bonita para mim... Conclusão: ha uma verdade para mim, outra para você, outra para não sei quem.

UM SENHOR MAGRO — E a verdade sobre o amor qual é?

UM SENHOR GORDO — E' a verdade que Cervantes, o do "D. Quijote", inventou: o amor penetra na gente sem pedir licença e sahe sem dar explicações...

UM SENHOR MAGRO — Que horas são?

UM SENHOR GORDO — Duas.

UM SENHOR MAGRO — Vou para a reflexão, para o silencio das minhas qua-

(Continua no proximo numero)

Principe de Galles — Desenho de Alvarus.

A grande viagem...

NAQUELLE domingo de sol suave e pallidamente louro, de sol convalescente e algazarras mansas de passarinhos rompendo o silencio verde do parque, Iza de Vasconcellos atirou para um lado a revista na qual se revia na ultima exposição canina do Kennel Club levando o seu galgo pacifico e ficou com os braços morenos sobre a mesa e a olhar curiosamente pasmada para longe. Para muito longe. Para um ponto tão longinquo que a propria visão não alcançava... Pensando.

O amante, que ha seis mezes era a illuminação da sua vida, parecia-lhe agora enfarado e ingrato. Como se estivesse farto. E á idéa de ficar abandonada, de ver-se só outra vez, sem aquelle que lhe desvendara o segredo do paraiso terreal e lhe florira a existencia de prazeres e emoções; de ver o amante, a quem chamava o "meu amor de toda a vida" pertencendo a outra, prendia-se ás tenazes de fogo do desespeso, soffrendo pungitivamente.

O mundo parecia-lhe uma enorme interrogação. Um mysterio. Que seria della sem Alvaro Gomide?

O dia foi para Iza de Vasconcellos longo e tredo. Quasi infinito. Estriado funebremente de máos presagios. De desconfianças que não sabia como lhe haviam ferido a alma. Teve mil pensamentos desencontrados. A' noite as vigilias augmentaram o ermo e robusteceram a certeza do abandono suspeitado.

O de albar macio e lucido da manhã florida de accacias doiradas, encontrou-a de olheiras e olhar humido e triste. E com uma decisão singular: ouvir uma cartomante. Iria ouvir Mme Betty, a grande pythonisa, a pythonisa da cidade.

Tomou um auto, mandou tocar para uma casa da rua Frei Caneca e á noite, sózinha, viu-se diante da reveladora de destinos.

Na pequena sala, Iza de Vasconcellos attentou ligeiramente nos quadros das paredes, na lamparina que arde permanentemente, numa effigie da carmelita de Lisieux, num retrato da famosa Mme Zizina, na luz vermelha do "abat-jour", nos olhinhos felinos, nas mãos pequenas e alvas, nas feições serenas da mulher que revela o futuro.

Mme Betty havia tirado o barulho de uma caixa côr de cereja e ordenado a Iza de Vasconcellos que o cortasse com a mão esquerda. Ella despertou da abstracção em que mergulhara olhando as coisas ambientes e cortou o baralho pelo meio. A cartomante juntou as duas partes e correu a mão sobre as cartas traçando a forma de uma ferradura.

— Sete cartas, disse.

Quando beijei tua mão...

QUANDO BEIJEI TUA MÃO
A PALMA EM CONCHA CURVEI
E QUANDO O BEIJO SUBINDO
QUERIA IR MAIS ALÉM,
VI QUE TEUS OLHOS, SE ABRINDO,
CHEINHOS D'AGUA FICARAM...
MEUS BEIJOS LOUCOS VOLTARAM,
TÃO MOLHADINHOS QUE ESTAVAM,
CAHINDO, TODOS CAHINDO
NA CONCHA DE TUA MÃO...

FLAVIO DE ANDRADE

E Iza de Vasconcellos tirou as sete cartas. Mme Betty volveu-as para a luz e foi desfiando uma historia em que havia duas mulheres e um homem, alegrias, aborrecimentos entre ellas e a victoria de uma. E havia ainda herança, derrotas, felicidades. Coisas que a vida traz e coisas que a vida leva.

Olhando as cartas, a cartomante via desgostos, incertezas no futuro da consulente, uma satisfação que viria depois, um homem e uma viagem. Uma grande viagem...

Mme Betty olhou os olhos de Iza de Vasconcellos, que olhou, mysteriosamente, os olhos de Mme Betty.

A consulta durou ainda, mas não contentou a amante em soffrimento. Sahiu mais amargurada ainda da casa de rua Frei Caneca. Os oraculos lhe haviam mentido, deslavadamente.

* * *

Os dias vieram vindo sem anormalidade. Sem surpresas. Fazia um mez que ouvira a cartomante e della nem se lembrava mais, quando Alvaro Gomide, uma noite, ao regressar a casa, foi o seu auto, ao livrar-se de outro, de encontro a um combustor electrico, espatifando-se. Alvaro Gomide, que dirigia o carro, ficou gravemente ferido. Na casa de Saude para onde o levaram, viveu apenas uma semana.

E foi uma semana depois, na viuvez inesperada e brutal, na solidão absoluta da vida, que Iza de Vasconcellos evocou as palavras de Mme Betty acertarã. CARLOS RUBENS um homem teria de fazer. A grande viagem... Baixou a cabeça, deixou rolar uma lagrima.

Mme Betty accertara. CARLOS RUBENS

Greta
Garbo

REPORTAGEM

Jornalistas americanos na Associação de Imprensa.

Senhorita Nize São Geraldo Caldas, violinista de grande talento. A sua primeira lição foi dada por seu pae na Igreja da Apparecida para que Nossa Senhora lhe protegesse a carreira.

No embarque do Ministro Assis Brasil para a Argentina. A Senhora Assis Brasil entre amigas.

Recepção do Sr. Otto Niemeyer na Associação Commercial.

Chegada do Sr. Hermann Kaelble, director-gerente da "Chimica Industrial Bayer-Meister Lucius".

Na União dos Empregados no Commercio quando foi o almoço em homenagem ao Sr. Mario de Oliveira.

MAL BRASILEIRO

FOI numa tarde bem tatuada de sol, bem illuminada, que, sob o reflexo crespo de uma vitrina percebi certa voz que assim falava: "Eu sou um pyjama. Um pyjama donairoso, arabescado, onde zig-zagueiam riscos verdes com uma tonalidade frouxa que o mar emprestou de seu colorido vago.

Sou feito de tecido macio, onde as minhas molleculas se ajustam meudinhas, brilhantes, reflexivas . . .

Ha muitos dias que estou em exposição. Esta luz de vitrina que me alumia, ás vezes me entontece . . . E estes olhares que se chocam invejosos ao meu todo airoso se esbatem no vidro que me resguarda.

Mas, mesmo assim, tenho minha historia a contar.

Sou um pyjama vaidoso, egoista de belleza. Não se admirem . . . Sou um pyjama muito feminino, bem mulher . . . Impenitente, inconstante, teimoso, aventureiro . . . Fui feito para grandes ambientes.

E minha dona? Ah! esta é a minha maior preoccupação . . .

Minha dona quem será?

Mas, apesar de tão bonito (eu mesmo me acho) e perdõem-me a immodestia, com este laço arrematado ao lado, com toda esta elegancia apurada, quem poderá resistir ao meu fascinio?

Na praia de Olinda em Pernambuco.

(*Photo Rabello*).

Tenho, porém, um defeito. Sou um pyjama nacional.

Meus fios foram tecidos em teares nossos.

Minha confecção é puramente brasileira.

Fui cortado e todo cosidinho por uma brasileirinha de olhos bandoleiros . . .

Por isso eu temo minha sorte.

Minha dona devia ser clara, espiritualisada, bem feminina, interessante, com este encanto irresistivel das mulheres frageis, uma boneca de bocca meuda e olhos desmesurados . . . E sabe?

Desde hontem que estou atormentado.

Uma linda loira escolheu-me.

Era o meu TYPO, o meu fraco . . .

Leve, donairosa . . . Tirou-me da vitrina, mirou-me com seus olhos — reflexos d'agua parada — senti a macieza de suas mãos de seda, e uma sensação de felicidade apoderou-se de mim.

Mas, como muita gente, ella tambem foi contagiada do mal. Do grande mal brasileiro . . .

Virou-me, revirou-me, observou a etiqueta: confeccionado numa casa de modas nacional.

Bastou.

Desinteressou-se de mim.

Entristeci.

E ella volveu os olhos buliçosos a um outro, excentrico, feito numa casa de Paris.

Comprou-o logo. Quasi sem examinar-lhe os coloridos absurdos, a profusão de amarello . . .

Qual será a minha dona?

Sou um lindo pyjama. Mas desvalorisado. Sou um pyjama nacional.

IDA SOUTO UCHÔA

Metteu-se Adolpho Menjou em classificar os quinze elegantes do mundo, e entre elles incluiu aquelle outro Adolpho, seu amigo. Foi uma dos diabos.

O representante de um grande nome industrial passou, assim, de repente, a ser um nome no cartaz do mundanismo, com todos os percalços de certas notoriedades.

Já não ha quem o salve da critica: julgam uns que elle deveria ser mais bonito de rosto, outros, que tambem devêra ser mais novo, pois que a indiscreção jornalistica divulgou que a neve começa a embranquecer as temporas do homem do dia; e, assim, cada commentario segundo o gosto de cada um.

Melhor fôra, talvez, dizer de cada uma. Para isso, porém, fôra preciso trocar, aqui acima; "uns" e "outros" por umas e outras.

LIVRE-ME Deus dos amigos, que dos inimigos me livro eu.

E' o retrato do Sr. Adolpho Reingantz, publicado em um dos nossos mais brilhantes vespertinos, que me traz ao bico da penna esse postulado da sabedoria popular.

Faça-se, pois, a troca. "Uma" poderá, então, referir-se a "critica", não obstante o grande afastamento. Redação confusa, obscura. Portanto, mais conveniente.

Deste ou daquelle modo, seja como fôr, o que é certo, porém, é que a estas horas já está o conhecido industrial soffrendo o tormento de solicitações de entrevistas.

E' claro que me refiro ás da imprensa, pois que de outras não sei nem quero saber como elle pensa. Isso é lá com elle.

Da côr das suas camisas, da combinação de tons da sua indumentaria, dos seus sapatos já o noticiario se occupou. Nem a propria casa foi poupada, já os jornaes a estamparam, para mostrar que o bom gosto do Sr. Reingantz não se limita a jaquetões.

Outras reportagens virão logo. E ninguem sabe até aonde levarão a bisbilhotice.

Em S. Paulo elle é muito conhecido. Pois não se me dá de apostar que mesmo lá a curiosidade em torno da sua elegante pessoa está agora muito alvoroçada.

Deve ser profundamente aborrecido ser alguem o alvo constante do olhar embasbacado da multidão. Não se poder manifestar uma opinião, arriscar um passo, escolher um acepipe, mudar de roupa, dar um espirro, sem ser logo discutido, imitado, falsificado, olhem que que é castigo.

Estou, portanto, a prever o que será se o Sr. Reingantz vier ao Rio sem rigoroso incognito. Que tortura! A gente carioca cercal-o-á de mesma avida curiosidade com que espiou todos os gestos, todos os olhares, todos os sorrisos da linda senhorita Yolanda Pereira, a qual, por experiencia propria, talvez esteja bem convencida de que não paga a pena de tanta massada o ser "Miss Universo", ainda que com esse titulo se conquiste a gloria de ter a effigie em moedas.

Tal sorte não desejo ao elegante industrial. Bons fados o resguardem de semelhantes atropelos, se aqui vier tratar de seus negocios.

Do contrario, muna-se, então, de algum amuleto contra o mau-olhado de muitos calças-largas, cuja inveja lhes faz acreditar que só por não serem amigos de Menjou é que a classificação da elegancia foi o que foi, e revista-se de paciencia para encarar o despeito de muitas saias curtas... e comprimidas, que se não conformam com a falta de uma "estrella" da mesma grandeza daquelle astro do "écran" que tambem classificasse a elegancia feminina.

Foi isto que Menjou arranjou para o seu amigo: inveja e despeito. E só porque reduziu a quinze o numero dos elegantes, e não convidou uma de suas companheiras de glorias photogenicas a fazer o ról feminino com alguns logares para as minhas patricias.

Corrija isso em segunda edição. Quinze só, é pouco. Por que quinze? Nem, ao menos é um numero cabalistico, como tres e sete.

Com quinze mil, por exemplo, poderia contentar mais gente, e não deixaria o seu amigo em posição tão incommoda.

Emende, pois, a mão, e não se esqueça de que tambem ha mulheres elegantes.

\+ + +

Figuram nesta pagina: dois modelos de jaqueta, o maior successo do inverno parisiense, e, actualmente, das primicias da da primavera. Ficaram, pois, substituidas pelas de tecido as jaquetas de *fourrure*. Uma das que aqui figuram, a listrada, é de seda vegetal, com tons de "beige" e havana — preferindo-se, está claro, panno etiquetado por "Indanthren", que, mesmo em seda vegetal, é corante resistente ao sol, ás chuvas e ás repetidas lavagens. — Punhos e golla da jaqueta são de velludo de seda — tambem vegetal. A outra é de velludo verde e golla de astrakan "marron".

Na elegante mesinha de chá: mangas curtas e chapéos pequenos.

Envolvendo esguia silhueta: o *manteau Ford* — astrakan e "drap" pretos.

— Tres blusas de "crêpe" de seda vegetal guarnecidas de laços.

— Um vestido de lãzinha havana, golla, punhos e "boina" de "belette".

— Num grupo encantador, um casamento primaveril. O vestido da noiva é de "crêpe" setim branco e renda de seda marfim. O pequenino "garçon d'onneur" está de velludo preto, golla e punhos de renda, e as duas "demoiselles", de "taffetas" azul claro e rosa secco.

— Alguns chapéos elegantissimos que a *Casa Leblon* executou.

— Bordado: Margaridas contornadas de linha grossa em linho grosso, natural.

\+ + +

Vestidos elegantes durante a semana: nas frequentadoras da Casa Eritis.

\+ + +

Alice — Rio — Para o seu caso A. Dorét recommenda a "Loção adstringente", por elle mesmo fabricada. Será melhor, portanto, consultado directamente: rua Alcindo Guanabara, 5.

SORCIÈRE

Metteu-se Adolpho Menjou em classificar os quinze elegantes do mundo, e entre elles incluiu aquelle outro Adolpho, seu amigo. Foi uma dos diabos.

O representante de um grande nome industrial passou, assim, de repente, a ser um nome no cartaz do mundanismo, com todos os percalços de certas notoriedades.

Já não ha quem o salve da critica: julgam uns que elle deveria ser mais bonito de rosto, outros, que tambem devêra ser mais novo, pois que a indiscreção jornalistica divulgou que a neve começa a embranquecer as temporas do homem do dia; e, assim, cada commentario segundo o gosto de cada um.

Melhor fôra, talvez, dizer de cada uma. Para isso, porém, fôra preciso trocar, aqui acima; "uns" e "outros" por umas e outras.

LIVRE-ME Deus dos amigos, que dos inimigos me livro eu.

E' o retrato do Sr. Adolpho Reingantz, publicado em um dos nossos mais brilhantes vespertinos, que me traz ao bico da penna esse postulado da sabedoria popular.

Faça-se, pois, a troca. "Uma" poderá, então, referir-se à "critica", não obstante o grande afastamento. Redação confusa, obscura. Portanto, mais conveniente.

Deste ou daquelle modo, seja como fôr, o que é certo, porém, é que a estas horas já está o conhecido industrial soffrendo o tormento de solicitações de entrevistas.

E' claro que me refiro ás da imprensa, pois que de outras não sei nem quero saber como elle pensa. Isso é lá com elle.

Da côr das suas camisas, da combinação de tons da sua indumentaria, dos seus sapatos já o noticiario se occupou. Nem a propria casa foi poupada, já os jornaes a estamparam, para mostrar que o bom gosto do Sr. Reingantz não se limita a jaquetões.

Outras reportagens virão logo. E ninguem sabe até aonde levarão a bisbilhotice.

Em S. Paulo elle é muito conhecido. Pois não se me dá de apostar que mesmo lá a curiosidade em torno da sua elegante pessoa está agora muito alvoroçada.

Deve ser profundamente aborrecido ser alguem o alvo constante do olhar embasbacado da multidão. Não se poder manifestar uma opinião, arriscar um passo, escolher um acepipe, mudar de roupa, dar um espirro, sem ser logo discutido, imitado, falsificado, olhem que que é castigo.

Estou, portanto, a prever o que será se o Sr. Reingantz vier ao Rio sem rigoroso incognito. Que tortura! A gente carioca cercal-o-á de mesma avida curiosidade com que espiou todos os gestos, todos os olhares, todos os sorrisos da linda senhorita Yolanda Pereira, a qual, por experiencia propria, talvez esteja bem convencida de que não paga a pena de tanta massada o ser "Miss Universo", ainda que com esse titulo se conquiste a gloria de ter a effigie em moedas.

Tal sorte não desejo ao elegante industrial. Bons fados o resguardem de semelhantes atropelos, se aqui vier tratar de seus negocios.

Do contrario, muna-se, então, de algum amuleto contra o mau-olhado de muitos calças-largas, cuja inveja lhes faz acreditar que só por não serem amigos de Menjou é que a classificação da elegancia foi o que foi, e revista-se de paciencia para encarar o despeito de muitas saias curtas... e comprimidas, que se não conformam com a falta de uma "estrella" da mesma grandeza daquelle astro do "écran" que tambem classificasse a elegancia feminina.

Foi isto que Menjou arranjou para o seu amigo: inveja e despeito. E só porque reduziu a quinze o numero dos elegantes, e não convidou uma de suas companheiras de glorias photogenicas a fazer o ról feminino com alguns logares para as minhas patricias.

Corrija isso em segunda edição. Quinze só, é pouco. Por que quinze? Nem, ao menos é um numero cabalistico, como tres e sete.

Com quinze mil, por exemplo, poderia contentar mais gente, e não deixaria o seu amigo em posição tão incommoda.

Emende, pois, a mão, e não se esqueça de que tambem ha mulheres elegantes.

\+ + +

Figuram nesta pagina: dois modelos de jaqueta, o maior successo do inverno parisiense, e, actualmente, das primicias da da primavera. Ficaram, pois, substituidas pelas de tecido as jaquetas de *fourrures*. Uma das que aqui figuram, a listrada, é de seda vegetal, com tons de "beige" e havana — preferindo-se, está claro, panno etiquetado por "Indanthren", que, mesmo em seda vegetal, é corante resistente ao sol, ás chuvas e ás repetidas lavagens. — Punhos e golla da jaqueta são de velludo de seda — tambem vegetal. A outra é de velludo verde e golla de astrakan "marron".

Na elegante mesinha de chá: mangas curtas e chapéos pequenos.

Envolvendo esguia silhueta: o *manteau Ford* — astrakan e "drap" pretos.

— Tres blusas de "crêpe" de seda vegetal guarnecidas de laços.

— Um vestido de läzinha havana, golla, punhos e "boina" de "belette".

— Num grupo encantador, um casamento primaveril. O vestido da noiva é de "crêpe" setim branco e renda de seda marfim. O pequenino "garçon d'onneur" está de velludo preto, golla e punhos de renda, e as duas "demoiselles", de "taffetas" azul claro e rosa secco.

— Alguns chapéos elegantissimos que a *Casa Leblon* executou.

— Bordado: Margaridas contornadas de linha grossa em linho grosso, natural.

\+ + +

Vestidos elegantes durante a semana: nas frequentadoras da Casa Eritis.

\+ + +

Alice — Rio — Para o seu caso A. Dorét recommenda a "Loção adstringente", por elle mesmo fabricada. Será melhor, portanto, consultado directamente: rua Alcindo Guanabara, 5.

SORCIÈRE

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

Mappa onde têm de ser escriptos os valores das cartas, conforme ficarem sobre a mesa, e depois recortado e enviado á redacção de "Para todos..." com o pseudonymo ou nome do consulente e localidade de onde vem.

N. 888 — AGRIPINO (Campo Grande — Matto Grosso) — Vosso futuro se desenha feliz e calmo. Agora tereis algumas contrariedades motivadas por dinheiros pequenos e desgostos passageiros. Vejo no porvir um acontecimento feliz e inesperado, com melhoria de posição e dinheiros grandes por sorte ou herança.

N. 889 — CELIA (S. José dos Campos) — Vejo no futuro ausencia causada por ciumes de uma pessoa querida. Um homem que vos estima vos contará novidades a respeito de um casamento e muitos desgostos vos causarão. Vejo vicio por desgostos em uma mulher já edosa e morena que vos quer muito mal.

N. 890 — NINA (S. José dos Campos) — Vejo pequenos dinheiros e um desgosto intimo que irá desapparecendo com o tempo. Ainda sereis muito feliz em recompensa á vossa bondade. Vejo no futuro um matrimonio feliz feito com muita sympathia nesta casa. Breve recebereis uma carta com boas novas de pessoa ausente.

N. 891 — LINDA (S. José dos Campos) — Haverá lagrimas, uma correspondencia interrompida por um um homem que vos trahirá e é seductor. Brevemente tereis uma surpresa que será recebida com sympathia. Em horas de comidas e bebidas, alguuns aborrecimentos.

N. 892 — ZAICA (Taubaté) — Um homem que vos perguntará alguma cousa acerca de umas novidades arranjadas por uma mulher loura e que deseja vos trahir. Tereis poucos dinheiros, porém com relativa felicidade. Vejo breve um casamento vantajoso.

N. 893 — ROYAL (Rio) — Tereis poucos dinheiros e sereis trahido por ciumes. Uma mulher que vos fará muito mal brevemente se casará e arrepender-se-á de tudo quanto vos tem feito. Haverá separação depois de uma carta que recebereis e mais tarde uma reconciliação.

N. 894 — MARIANNE (Urca) — Vejo, com clareza, que em vosso destino ha um homem que vos quer muito e que só deseja vossa felicidade. Lutará elle com algumas diffiquldades por que uma mulher, inimiga gratuita muitas intrigas arranjará.

Seguiu carta particular para o endereço enviado.

N. 895 — ZIZI (?) — Vejo traição e uma ausencia provocando lagrimas certa noite. Haverá ainda uma desordem compensada por bom exito nos negocios. Vejo tambem melhoria de posição, lealdade e boa união. Uma pessoa intermediaria commetterá uma leviandade, não agora.

N. 896 — PENSATIVA (Rio de Janeiro) — Com alegria, lealdade e muito gosto em uma festa, tereis surpresas agradabilissimas, sendo que uma se transformará mais tarde em desgosto e desillusão. Uma grande paixão de amor envolverá vosso futuro profundamente. Deveis ter calma e reflexão...

N. 897 — JALAPA (Rio) — Vejo melhoria de posição, lealdade e harmonia. Uma pessoa de vossa amisade ficará gravemente doente, porém com muito cuidado não haverá desenlace. Haverá seducção e doenças ainda, porém não nesta casa. Tereis uma surpresa que será recebida com sympathia.

Dama de ouros	3 de copas	az de espadas	5 de páus	Valete de copas
6 de páus	Rei de copas	2 de ouros	Dama de espadas	etc etc

Modelo como terá de ser preenchido o mappa

O Serviço Militar do Principe de Galles

(FIM)

do Mediterraneo, como capitão do Estado Maior. Dali passou aos quarteis generaes italianos em Udine, voltando á França em Junho de 1916.

A partir de então, sua presença nos campos de batalha se fez cada vez menos frequente, devido a ter que ir a meúde á Inglaterra para conservar incólume a confiança do povo e conseguir que tivessem exito as numerosas colectas, com fins caritativos, que naquella época se organizavam na Grã-Bretanha.

Tambem dispoz de muito tempo para visitar os hospitaes e enfermarias de campanha, onde os feridos se setiam confortados com a visita de seu principe herdeiro que, por sua vez, fazia tudo o que estava ao seu alcance para suavizar suas penas, bem como aos dos parentes dos feridos.

A perda de muitos de seus amigos mais intimos, entre elles o chefe de suas cavalariças, o "honoravel" William Cadogan, não deixou de influir sobre o caracter do Principe, que se tornou mais retrahido e taciturno.

Para todos...

Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - Gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil — 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro — 1 anno, ... 85$000; 6 mezes, 45$000.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro deve ser dirigida para a rua da Quitanda, 7 — Rio de Janeiro.

A estadia do principe de Galles na Universidade de Oxford

(F I M)

primeiro cavalleiro, o major Cadogan. Sempre assignou, prazeirosamente, os albuns que lhe apresentavam nas sociedades onde apparecia como visitante, pondo a principio, simplesmente "Eduardo" e em seguida "Principe de Galles".

As excursões lhe attrahiam sempre com uma força particular, e a sua maior felicidade consistia em guiar seu automovel a grande velocidade pelas collinas de Cunnor (Headington Hill) e Sandford Lack, acompanhado por um ou dois amigos.

Não é de estranhar que tenha expressado, repetidas vezes sua satisfação pelos dias passados em Oxford e agradecesse a todos seus companheiros os bons momentos que ali passou antes de ter que seguir para a sua "Grande Aventura", que o transformou no primeiro principe inglez que esteve num campo de batalha em solo estrangeiro (França).

Por isso é que não duvidamos que a maior licção que de Oxford levou o Principe de Galles foi o sentimento de camaradagem entre homens livres, o que lhe trouxe a estima de todos os habitantes do Imperio Britannico e o fez o maior embaixador.

Leiam, aos sabbados, a primorosa revista politico-humoristica "O MALHO", collaborada pelos melhores artistas do lapis e do pensamento.

Custa $500, apenas.

Leiam CINEARTE, a mais completa revista cinematographcia que se publica no Rio de Janeiro.

N A B A H I A

Enlace Antidio Correia-Helenita Netto

Concurso de Contos do PARA TODOS...

Considerando o enorme numero de cartas que vimos recebendo diariamente com pedidos para que dilatemos ainda mais o prazo para recebimento de originaes referentes ao Concurso de Contos do "Para Todos...", visto terem-se extraviado muitos com a desorganização dos correios em época de revolução, resolvemos prorogar o prazo para o encerramento deste certamen até o dia 20 de Maio proximo futuro

VINOVITA
SUPER-TONICO
TONICO
VINOVITA
VIDA